



# Porque És Minha

Beth Kery

*Tradução de Teresa Martins de Carvalho e Nanci Marcelino*

*A presente obra respeita as regras  
do Novo Acordo Ortográfico.*



**SAÍDA DE EMERGÊNCIA**  
Para quem quer fugir da rotina



*A minha mais profunda gratidão para Leis Pederson,  
Laura Bradford, Mahlet, Amelia e o meu marido.  
Não poderia ter concretizado este projeto sem vós.  
Obrigada também a todos os leitores que têm apoiado os meus  
livros ao longo dos anos. Mais que definitivamente, não  
poderia ter concretizado esta carreira sem vós.*



# I

Porque Me Tentas



## Capítulo

### UM

Francesca olhou de relance quando Ian Noble entrou, em grande parte porque toda a gente presente no luxuoso restaurante-bar fez o mesmo. O coração deu-lhe um salto. Através da multidão, viu um homem alto com um fato de corte impecável despir o sobretudo, revelando um corpo esguio e enxuto. De imediato reconheceu Ian Noble. O olhar tardou-lhe no elegante sobretudo preto passado por sobre o braço. Acuidiu-lhe o pensamento fortuito de que conquanto o sobretudo preto fosse adequado, o fato não tinha a ver com nada. Aquele homem pedia calças de ganga, não? Não, a sua observação não fazia qualquer sentido. Ficava fantástico de fato, por um lado, e, por outro, de acordo com um artigo recente que lera na *GQ*, ele tinha a reputação de, por si só, fazer vicejar o negócio de Savile Row, Londres. O que mais haveria de vestir um homem de negócios que era descendente de um ramo menor da monarquia britânica? Um dos homens que tinham entrado com ele estendeu o braço para lhe pegar no casaco, mas ele abanou a cabeça uma vez.

Aparentemente, o enigmático Sr. Noble não planeava mais do que marcar a presença da praxe no cocktail que oferecia em honra de Francesca.

— Lá está o Sr. Noble. Terá o maior prazer em conhecê-la. Adora o seu trabalho — disse Lin Soong. Francesca ouviu a nota de subtil orgulho na voz da mulher, como se Ian Noble fosse seu amante e não seu patrão.

— Tem ar de ter coisas bem mais importantes que fazer do que conhecer-me — disse Francesca, sorrindo. Bebeu um golinho de soda e observou Ian falando sumariamente ao telemóvel com dois homens postados nas

proximidades, o sobretudo suspenso da dobra do braço a postos para uma rápida retirada. O subtil inclinar de boca dizia-lhe que ele estava irritado. Por alguma razão, esta mais que humana mostra de emoção deixou-a um bocadinho mais relaxada. Não o revelara aos seus companheiros de casa — era conhecida pela sua atitude “*descontraída e deixa-andar*” — mas sentira-se estranhamente ansiosa com o iminente conhecimento de Ian Noble.

A multidão voltou às suas conversas, mas o nível de energia do recinto amplificara-se de algum modo com a chegada de Noble. Singular que um homem tão distinto e sofisticado se tornasse ícone de uma geração dada a tecnologia e t-shirts. Parecia andar pelos trinta. Lera que Noble ganhara o seu primeiro bilião anos atrás com a sua inovadora companhia de meios de comunicação social, antes de a submeter a uma oferta pública de aquisição, ganhar vários biliões mais, e prontamente dar início a outro estrondoso negócio de retalho pela Internet.

Tudo em que tocava se transformava em ouro, ao que parecia. Porquê? Porque era Ian Noble. Podia fazer o que lhe desse na gana. A boca de Francesca retorceu-se à ideia. De alguma forma ajudava pensar que ele era arrogante e execrável. Sim, era seu benfeitor, mas como todos os artistas ao longo da História, Francesca acalentava uma saudável dose de desconfiança relativamente ao patrocinador que desembolsava o dinheiro. Lamentavelmente, cada famélico artista precisava do seu Ian Noble.

— Vou só dizer-lhe que aqui está. Tal como referi, ele ficou muito impressionado com a sua pintura. Escolheu-a de caras sobre as duas outras finalistas — disse Lin, referindo-se ao concurso que Francesca ganhara. O vencedor seria agraciado com a prestigiosa comissão da pintura de um painel decorativo para o grandioso átrio do novo arranha-céus da Noble em Chicago, no qual se encontravam. O cocktail em honra de Francesca decorria num restaurante chamado Fusion, o dispendioso restaurante em voga situado na torre de Noble. Mais importante que tudo para Francesca, ser-lhe-iam concedidos cem mil dólares, que muito jeito lhe dariam como esforçada finalista do mestrado de Belas-artes.

Lin materializou como que por magia uma jovem afro-americana chamada Zoe Charon para conversar com Francesca na sua ausência.

— É um prazer conhecê-la — disse Zoe, relampejando um sorriso de sonho de ortodontista enquanto apertava a mão de Francesca. — E parabéns pela comissão. Pense só, olharei para a sua pintura sempre que chegar ao trabalho.

Francesca foi acometida por uma familiar sensação de desconforto ao comparar a sua indumentária com o fato de Zoe. Lin, Zoe e praticamente todos os presentes na receção em sua honra estavam aperaltados segundo o último grito da moda mais elegante e sofisticada. Como havia ela de saber



que o chique boémio não resultaria num cocktail na Noble? Como havia ela de saber que a sua marca de chique boémio não era chique de *todo*?

Ficou a saber que Zoe era diretora-assistente da Noble Enterprises, de um departamento intitulado Imagetronics. *Que diabo era aquilo?*, interrogou-se Francesca distraidamente ao assentir com polido interesse, o olhar fugindo-lhe de novo para a entrada do restaurante.

A boca de Noble suavizou-se ligeiramente quando Lin se acercou e lhe falou. Uns segundos depois, as suas feições adotaram uma expressão alheada e enfadada. Abanou uma vez a cabeça e olhou de relance para o relógio. Noble claramente não estava mais desejoso de passar pelo ritual de conhecer um dos muitos beneficiários dos seus esforços filantrópicos do que Francesca de o conhecer a ele. O cocktail em sua honra era uma das penosas atividades que iam a par de ter ganho a comissão.

Voltou-se para Zoe e abriu-se num sorriso, determinada a divertir-se agora que confirmara ser uma perda de tempo a sua ansiedade por conhecer Noble.

— O que há a dizer então a respeito de Ian Noble?

Zoe sobressaltou-se ante a pergunta desabrida e olhou de relance para a entrada do bar onde Noble jazia postado.

— O que há a dizer? É um deus, numa palavra.

Francesca esboçou um sorriso afetado. — Não é dizer pouco, pois não?

Zoe irrompeu numa gargalhada. Francesca juntou-se-lhe. Por um instante eram apenas duas jovens rindo à conta do homem mais atraente da festa. Coisa que Ian Noble era, concedeu Francesca. Da festa, qual quê. Ele era o homem mais arrasador que ela jamais vira na vida.

Parou de rir quando reparou na expressão de Zoe. Virou-se. O olhar de Noble estava pregado nela. Uma sensação de peso ardente alastrou-se-lhe através do ventre. Não teve tempo de retomar o fôlego antes que ele desandasse sala fora direito a ela, deixando uma surpreendida Lin no seu encaicho.

Francesca sentiu um ridículo ímpeto de fugir.

— Oh... vem para aqui... a Lin deve ter-lhe dito quem você é — disse Zoe, soando tão perplexa e apanhada de surpresa como Francesca se sentia. Só que Zoe era mais versada do que Francesca na arte da elegância social. Quando finalmente Noble as alcançou, tinham desaparecido todos os vestígios da rapariga na risota e em seu lugar encontrava-se uma mulher bonita e composta.

— Boa-noite, Sr. Noble.

Os seus olhos eram de um penetrante azul-cobalto. Despregaram-se de Francesca por uma fração de segundo. Ela logrou meter algum ar nos pulmões durante a passagem aberta.

— Zoe, sim? — perguntou ele.

Zoe não pôde ocultar o agrado pelo facto de Noble saber o seu nome.  
— Sim, senhor. Trabalho na Imagetronics. Posso apresentar-lhe Francesca Arno, a artista que escolheu como vencedora do Concurso Vista Larga?

Ele tomou-lhe a mão. — É um prazer, Menina Arno.

Francesca limitou-se a assentir. Estava incapaz de falar. Tinha o cérebro temporariamente sobrecarregado com a imagem dele, o calor da sua mão cingindo a sua, o som da sua voz grave com sotaque britânico. A pele era pálida contra o cabelo escuro, bem penteado e curto, e o fato cinzento. *Anjo Negro*. As palavras acudiram-lhe ao cérebro, sem quê nem porquê.

— Não lhe posso dizer quão impressionado estou com o seu trabalho — disse. Nem um sorriso. A entoação desprovida de doçura, a despeito da vincada curiosidade no olhar.

Ela engoliu em seco, constrangida. — Obrigada. — Ele soltou-lhe a mão vagarosamente, num deslizar de pele contra a sua. Um horrível momento de silêncio passou enquanto ele se limitava a olhar para ela. Ela recompôs-se e endireitou a espinha.

— Apraz-me ter esta oportunidade de lhe agradecer em pessoa por me agraciarem com a comissão. Significa mais para mim do que posso exprimir. — Disse as palavras ensaiadas à pressão.

Ele esboçou um quase impercetível encolher de ombros e acenou negligentemente com a mão. — Mereceu-a. — Susteve-lhe o olhar. — Ou pelo menos merecerá.

Ela sentiu o coração latejar-lhe na garganta e teve esperança de que ele não tivesse reparado.

— Mereci-a, sim. Mas o senhor deu-me a oportunidade. É por isso que tento exprimir os meus agradecimentos. Provavelmente não teria tido possibilidade de fazer o segundo ano de mestrado se não me tivesse facultado.

Ele pestanejou. Pelo canto do olho, Francesca viu Zoe empertigar-se. Francesca desviou o olhar, envergonhada. Teria soado brusca?

— A minha avó refere com frequência a minha falta de graça ante a gratidão — disse ele, em voz mais baixa... mais calorosa. — Tem razão em chamar-me a atenção. E não tem também nada que agradecer pela oportunidade, Menina Arno — disse, com um assentir de reconhecimento. — Zoe, importava-se de dar um recado a Lin por mim? Decidi cancelar o jantar com Xander LaGrange afinal. Peça-lhe por favor que o adie.

— Com certeza, Sr. Noble — disse Zoe antes de se retirar.

— Gostaria de se sentar? — convidou ele, assentindo para um compartimento circular desocupado.

— Claro.

Ele aguardou atrás dela enquanto ela se enfiava no compartimento. Quem lhe dera que não. Sentiu-se canhestra e desajeitada. Depois de se ter

instalado, ele deslizou para o seu lado num movimento fluido e gracioso. Francesca ajeitou a saia vaporosa do vestido *vintage baby-doll*, adornado com contas, que comprara numa loja de segunda mão em Wicker Park. O fim de tarde do princípio de Setembro estava mais fresco do que contara ao fazer planos para o cocktail. O casual blusão de ganga que usava fora a sua única escolha, dadas as alças finas do vestido. Pensou quão ridícula deveria parecer, sentada ao lado deste homem imaculadamente vestido e por demais viril.

Brincou ansiosa com o colar, e então sentiu o olhar dele nela. Olhou-o de frente. Ergueu o queixo, desafiadora. Um ligeiro sorriso perpassou pela boca dele, e ela sentiu um aperto no baixo-ventre.

— Está então no segundo ano do seu mestrado?

— Sim. No Instituto de Arte.

— Uma excelente escola — murmurou ele. Pousou as mãos na mesa e recostou-se contra a parede do compartimento, parecendo por demais confortável. O seu corpo era esguio, descontraído, e firme, fazendo lembrar a Francesca um predador cuja aparente calma pudesse transformar-se de um pulo, numa fração de segundo, em plena ação. Embora estreito de ancas, tinha ombros largos, sugerindo uns músculos e tanto por baixo da camisa branca engomada. — Se é que estou bem recordado da sua candidatura, estudou arte e também arquitetura na Universidade Northwestern?

— Sim — disse Francesca sem fôlego, desviando o olhar das mãos dele. Eram umas mãos elegantes, mas igualmente grandes, quadradas, e com ar capaz. A visão perturbou-a por algum motivo. Não pôde deixar de imaginar como ficariam elas contra a sua pele... envolvendo-lhe a cintura...

— Porquê?

Acordou sobressaltada dos seus mais que inapropriados pensamentos e susteve-lhe o olhar cravado nela. — Porque é que estudei igualmente arte e arquitetura?

Ele assentiu uma vez.

— Arquitetura pelos meus pais e arte por mim — replicou, admirando-se com a honestidade da resposta. Geralmente fazia por parecer friamente desdenhosa quando lhe faziam a mesma pergunta. Porque haveria de ter de escolher entre os seus talentos? — Os meus pais são ambos arquitetos, e era o sonho da vida deles que eu me tornasse arquiteta também.

— Concedeu-lhes portanto meio sonho. Obteve a qualificação de Arquiteta mas não planeia fazer disso carreira.

— Serei sempre uma arquiteta.

— Apraz-me isso — disse ele, levantando o olhar quando um homem atraente de rastas e olhos cinza-pálido contrastando com pele mais escura se acercou da mesa. Noble apertou-lhe a mão. — Como vai o negócio, Lucien?

— Vicejante — replicou Lucien, desviando o olhar para Francesca com interesse.

— Menina Arno, apresento-lhe Lucien Lenault. É o gerente do Fusion, e o mais ilustre *restaurateur* da Europa. Fui buscá-lo ao melhor restaurante de Paris.

Lucien revirou os olhos divertido com a apresentação de Ian e abriu-se num sorriso. — Espero que o mesmo se possa dizer do Fusion muito em breve. É um prazer conhecê-la, Menina Arno — acrescentou numa deliciosa voz com sotaque francês. — O que lhes posso trazer?

Noble olhou para ela, expectante. Os seus lábios eram invulgarmente cheios para um homem de feições tão vincadas e tão masculino, transmitindo-lhe uma imagem sensual e contudo firme.

*Severo.*

De onde surgira tão estranho pensamento?

— Eu estou bem — replicou Francesca, embora o coração lhe comesse a bater desgovernado.

— O que é isso? — perguntou ele, assentindo para a sua bebida meio vazia.

— A minha bebida habitual, soda-lima.

— Deveria estar a celebrar, Menina Arno. — Teria sido a entoação que lhe eriçara os ouvidos e os cabelos da nuca quando ele disse o nome dela? Havia nessa entoação algo de único, constatou. Era britânica, mas alguma outra influência parecia deslizar-lhe sílabas dentro, ocasionalmente, algo que ela não conseguia identificar ao certo. — Traz-nos uma garrafa de *Roederer Brut* — disse Noble a Lucien, que sorriu, fez uma ligeira vénia e se retirou.

A confusão dela era cada vez maior. Porque se dignava ele passar tanto tempo com ela? Seguramente não bebia champanhe com todos os beneficiários da sua filantropia? — Tal como eu dizia antes de Lucien chegar, apraz-me a sua formação de Arquiteta. As suas aptidões e conhecimentos nesse campo são indubitavelmente o que dá às suas obras de arte tanta precisão, profundidade, e estilo. A pintura que submeteu a concurso é espetacular. Captou exatamente o espírito do que eu queria para o meu átrio.

O olhar dela deslizou-lhe pelo fato imaculado. De algum modo, o seu aparente amor por linhas perfeitamente direitas não a surpreendia. Na verdade, as suas obras de arte eram frequentemente inspiradas pelo seu amor pela forma e pela estrutura, mas não era com precisão que o seu trabalho tinha a ver. Longe disso. — Apraz-me que isso lhe agrade — disse ela, com o que esperava ser um tom neutro.

Um fantasma de sorriso perpassou-lhe pelos lábios. — Alguma coisa há por trás da sua declaração. Não se sente feliz por me ter agradado?

A boca descaiu-lhe àquilo. Reprimiu as palavras que lhe acudiram à garganta. *Faço o que faço para agradar a ninguém mais que a mim.* Deteve-se mesmo a tempo. O que se passava com ela? Este homem era responsável por mudar a sua vida.

— Já lhe disse há pouco, não podia estar mais feliz por ter ganho o concurso. Estou encantada.

— Ah — murmurou ele ao mesmo tempo que Lucien chegava com o champanhe e o balde de gelo. Noble não desviou o olhar na direção de Lucien enquanto este se ocupava a abrir a garrafa, mas continuou a estudá-la como se ela fosse um projeto científico particularmente interessante. — Mas alegrar-se com a sua comissão não é o mesmo que alegrar-se por me ter agradado a mim.

— Não, não quis dizer isso — balbuciou ela, olhando para Lucien que desenvolhia o champanhe com um estofo abafado. O seu olhar atarantado voltou de novo para Noble. Os olhos dele luziam num rosto de contrário impassível. De que raio falava ele? E porque é que, não obstante o facto de ela não ter resposta para isso, a deixara a sua pergunta tão alvoroçada? — Alegra-me que tenha gostado da pintura. Muito.

Noble não respondeu, limitou-se a olhar alheado enquanto Lucien vertia o líquido borbulhante para *flûtes*. Assentiu e murmurou um agradecimento antes de Lucien se retirar. Francesca pegou na sua *flûte* quando ele estendeu o braço para a dele.

— Parabéns.

Ela logrou esboçar um sorriso quando as *flûtes* se tocaram muito ao de leve. Nunca provara nada assim; o champanhe era seco, gelado e delicioso ao deslizar pela língua e pela garganta abaixo. Olhou para Noble de viés. Como podia ele parecer tão abstraído da espessa tensão no ar quando a ela parecia estar a ponto de a sufocar?

— Calculo que, dado o seu sangue real, uma empregada de bar não esteja à altura de o servir — disse, desejando que a voz não lhe houvesse tremido.

— Desculpe?

— Oh, queria apenas dizer... — Praguejou em silêncio para consigo própria. — Eu sou empregada de bar... faço-o para ajudar a pagar as contas enquanto frequento o mestrado — acrescentou, tomada de um ligeiro pânico ao ver quão frio e um pouco intimidante ele parecera de súbito. Ergueu a *flûte* e deu uma golada e tanto do líquido gelado. Que esperasse só até contar a Davie o seu comportamento atamancado. O seu bom amigo ficaria exasperado com ela, ainda que os demais companheiros de casa — Caden e Justin — rebolessem à gargalhada ante o seu último incidente de aparente imbecilidade social.

Se ao menos Ian Noble não fosse tão atraente. Tão perturbadoramente atraente.

— Peço desculpa — resmungou em surdina. — Não devia ter falado assim. Acontece apenas... li que os seus avós pertenciam a um ramo menor da família real britânica... um conde e uma condessa, nem mais.

— E interrogou-se se eu desprezaria ser servido por uma mera empregada, é isso? — perguntou ele. O divertimento não lhe suavizava as feições, apenas as tornava mais insinuantes. Ela sorriu e relaxou um bocadinho. Não o ofendera *completamente*.

— Fiz a maior parte dos meus estudos nos Estados Unidos — disse ele. — Considero-me americano, antes de mais. E, asseguro-lhe, a única razão para o próprio Lucien nos vir servir foi o facto de ele assim o ter escolhido. Somos parceiros de esgrima além de amigos. O costume de a aristocracia britânica preferir o estatuto de um serviçal masculino em detrimento de uma criada apenas existe, nos dias que correm, nos romances ingleses da Regência, Menina Arno. E, ainda que perdurasse, duvido que se aplicasse a um bastardo. Lamento desapontá-la.

Ela sentiu as faces a arder. Quando aprenderia a manter a boca calada? Estaria ele a dizer-lhe ser *ele* ilegítimo? Nunca lera nada a respeito.

— Onde é que trabalha como empregada de bar? — perguntou ele, aparentemente daltónico ante as suas faces escarlates.

— No High Jinks<sup>1</sup> em Bucktown.

— Nunca ouvi falar.

— De algum modo isso não me surpreende — resmungou ela em surdina antes de beber outro gole de champanhe. Pestanejou admirada ao som da risada dele, baixa e rouca. Arregalou os olhos ao olhá-lo na cara. Parecia tão *agradado*. O coração deu-lhe um baque. Ian Noble era um espetáculo digno de contemplar em qualquer altura, mas quando sorria, era uma perfeita ameaça à compostura de uma mulher.

— Importava-se de vir comigo... andar uns quarteirões? Gostava de lhe mostrar algo crucial — disse ele.

A mão dela deteve-se no ato de levar a *flûte* aos lábios. O que se passava aqui?

— Está diretamente relacionado com a sua comissão — disse ele, subitamente crispado. Autoritário. — Gostava de lhe mostrar a vista que quero para a pintura.

---

<sup>1</sup> O nome deriva de um antigo jogo de dados escocês. Uma má pontuação obrigava o jogador a escolher entre beber um copo ou fazer algo pouco recomendável, daí ser agora sinónimo de gahofa ou paródia. (N. da T.)

O choque dela foi trespassado de fúria. O queixo levantou-se. — É suposto que eu pinte seja o que for que quiser?

— Sim — disse ele sem hesitar.

Ela pousou a *flûte* com um sonoro *tlintlim*, quase fazendo o conteúdo transbordar. Ele soara completamente inabalável. Era tão arrogante como ela imaginara. Tal como esperava, a conquista deste prémio ia acabar por tornar-se um pesadelo. Ele tinha as narinas dilatadas ao fitá-la sem pestanejar, e ela devolveu-lhe o olhar fulminante.

— Sugiro que veja a vista em questão antes que se sinta indevidamente ofendida, Menina Arno.

— Francesca.

Algo lampejou qual relâmpago nos olhos azuis. Durante uma fração de segundo, ela lamentou o tom desabrido com que falara. Mas ele assentiu então uma vez.

— Pois seja Francesca — disse suavemente. — Se me chamar Ian.

Ela fez por ignorar o adejar no ventre. *Não te deixes iludir*, advertiu a si própria. Ele era exatamente o tipo de patrono dominador que tentaria dar ordens, e no processo esmagar os seus instintos criativos. Era pior do que receara.

Sem uma palavra mais, deslizou do compartimento para fora e dirigiu-se para a entrada do restaurante, sentindo, com cada célula do seu ser, ele mover-se atrás de si.

**E**le mal falou quando deixaram o Fusion. Conduziu-a para um passeio que ladeava o Rio Chicago e a Wacker Drive Inferior.

— Onde vamos? — quebrou ela o silêncio passado um minuto ou dois.

— À minha residência.

As sandálias de salto alto vacilaram desajeitadamente no passeio, estacando. — Vamos a sua casa?

Ele deteve-se e olhou para trás, o casaco preto adejando-lhe em torno das coxas compridas e aparentemente musculosas, soprado pelo vento forte do Lago Michigan. — Sim, vamos a *minha casa* — disse ele com uma subtil e sinistramente trocista entoação.

Ela franziu o cenho. Ele estava claramente a rir-se dela por dentro. *Apraz-me tanto estar aqui para o entreter, Sr. Noble*. Ele inalou e olhou na direção do Lago Michigan, obviamente exasperado com ela e tentando ordenar os pensamentos.

— Vejo que isso a deixa desconfortável, mas tem a minha palavra: é algo puramente profissional. Tem a ver com a pintura. A vista que quero

que pinte é a do condomínio onde vivo. Decerto não acredita que eu vá fazer-lhe alguma coisa de mal. Uma sala cheia de gente acaba de nos ver sair juntos daquele restaurante.

Ele não precisava de lho recordar. Parecia que cada par de olhos no Fusion estava assestado neles quando saíram.

Ela lançou-lhe um cauteloso olhar de relance quando começaram a andar. O cabelo dele agitado pelo vento pareceu-lhe de algum modo familiar. Pestanejou e a sensação de *déjà vu* desvaneceu-se.

— Está a dizer-me que eu irei trabalhar no seu apartamento?

— É muito grande — disse ele secamente. — Não terá de me ver de todo, se assim preferir.

Francesca fitou as unhas pintadas dos pés, ocultando a expressão dele. Não queria que ele suspeitasse que lhe haviam acudido imagens indesejadas à imaginação ante a sua declaração; visões de Ian saindo do duche, o corpo nu reluzindo ainda de água, uma fina toalha em torno das ancas estreitas como a única coisa a separá-la de uma visão de total glória masculina.

— É um pouco heterodoxo — disse.

— Eu sou muito heterodoxo — disse ele vivamente. — Entenderá quando vir a vista.

Ele vivia no 340 de East Archer, num clássico edifício Renascença Italiana da década de 1920 que ela admirava desde que o estudara numa aula. Dizia bem com ele, de alguma forma, a elegante, macambúzia torre de tijolo escuro. Não ficou totalmente admirada quando ele lhe disse que a sua residência abarcava os dois andares de topo.

A porta do seu elevador privado abriu-se com um silencioso deslizar, e ele estendeu a mão num convite para que o precedesse.

Entrou num lugar mágico.

O luxo dos tecidos e do mobiliário era óbvio, mas não obstante a opulência, a entrada transmitia um sentimento de boas-vindas — umas boas-vindas austeras, talvez, mas boas-vindas todavia. Vislumbrou um rápido reflexo seu num espelho antigo. Tinha o longo cabelo louro-arruivado irremediavelmente desalinhado do vento, e as faces tingidas de cor-de-rosa. Gostaria de pensar que a cor se devia ao vento mas temia que o efeito se devesse a estar com Ian Noble.

E então deu pelos quadros, e esqueceu tudo o mais. Percorreu um corredor largo transformado em galeria, de boca aberta ao contemplar um quadro atrás do outro, alguns novos para ela, outros, obras-primas que a trespassavam de arrebatamento só de as ver ao vivo.

Deteve-se junto de uma escultura em miniatura disposta sobre uma coluna, uma excelente réplica de uma renomada peça de antiga arte grega. — Sempre adorei a Afrodite de Argos — murmurou, detendo



pormenorizadamente o olhar nos requintados traços faciais e no gracioso revirar do torso nu miraculosamente esculpido em duro alabastro.

— Sim? — perguntou ele, soando tocado.

Ela assentiu, tomada de assombro, e continuou a andar.

— Adquiri-a há uns meses apenas. Não foi fácil de obter — disse ele, arrancando-a do seu extasiado maravilhamento.

— Adoro Sorenburg — disse ela, referindo-se ao autor da pintura diante da qual se encontravam. Virou-se para olhar para ele, apercebendo-se de súbito de que vários minutos se tinham escoado e que ela vagueara feita sonâmbula pelas silenciosas profundezas do condomínio sem ser convidada, e que ele permitira tal intrusão sem qualquer comentário. Encontrava-se agora numa espécie de sala de visitas decorada com sumptuosíssimos tecidos em tons de amarelo, azul-pálido e castanho-escuro.

— Eu sei. Mencionou-o na sua declaração pessoal na candidatura ao concurso.

— Não posso crer que goste de expressionismo.

— Porque não pode crer? — perguntou ele, a sua voz grave fazendo-lhe formigar os ouvidos e arrepiar a pele da nuca. Ela levantou os olhos de relance para ele. O quadro a que se referia estava pendurado sobre um aconchegado sofá de veludo. Ele estava mais próximo do que ela se apercebera, de tal modo se deixara perder de maravilhamento e prazer.

— Porque... escolheu a minha pintura — disse ela, debilmente. O olhar dela deslizou ao de leve pelo corpo dele. Engoliu com dificuldade. Ele desabotoara o sobretudo. Um odor límpido e pungente a sabonete filtrou-se-lhe pelo nariz acima. Uma pressão forte e ardente dominou-lhe o sexo. — Parece gostar tanto... de *ordem* — tentou ela explicar, a voz pouco mais que um sussurro.

— Tem razão — disse ele. Uma sombra pareceu encobrir-lhe as feições abruptas. — Abomino borrões e desordem. Mas Sorenburg não tem nada a ver com isso. — Olhou de relance para o quadro. — Tem a ver com dar sentido ao caos. Não concordaria?

Ela estava de boca aberta a contemplar-lhe o perfil. Jamais ouvira uma descrição tão sucinta da obra de Sorenburg.

— Concordaria, sim — disse devagar.

Ele brindou-a com um pequeno sorriso. Os seus lábios cheios tinham forçosamente de ser o seu traço mais insinuante, à parte os olhos. E o queixo firme. E o corpo incrível...

— Estou a ouvir mal — murmurou ele — ou parece-me sentir uma nota de respeito no seu tom, Francesca?

Ela voltou-se para fitar sem ver o Sorenburg. O ar ardia-lhe nos

pulmões. — Nisto merece respeito. Tem um gosto impecável no que toca a arte.

— Obrigado. Por acaso estou de acordo.

Ela arriscou um olhar de viés. Ele fitava-a com aqueles olhos de anjo negro.

— Deixe-me tirar-lhe o blusão — disse ele, estendendo as mãos.

— Não. — As faces incendiaram-se-lhe quando ouviu a brusquidão do seu tom. A consciência de si rompeu-lhe abruptamente a névoa de encantamento. As mãos dele continuavam estendidas.

— Eu tiro-o.

Abriu a boca para o censurar mas deteve-se quando reparou no seu olhar velado e nas sobranceiras ligeiramente erguidas.

— É a mulher que veste a roupa, Francesca. Não o contrário. Essa é a primeira lição que lhe darei.

Ela lançou-lhe um falso olhar de exaspero e contorceu-se para fora do blusão de ganga. Sentiu uma friagem nos ombros nus. Sentiu o olhar cálido de Ian. Endireitou as costas.

— Fala como se tencionasse dar-me mais lições — resmungou em surdina, passando-lhe o blusão.

— Talvez tencione. Siga-me.

Pendurou o blusão, depois conduziu-a através do corredor-galeria antes de virar para outro mais estreito que se encontrava difusamente iluminado por candelabros de parede de latão. Abriu uma de muitas portas altas, e Francesca transpôs o limiar. Contava ver outra sala pejada de maravilhas, mas em vez disso deu entrada num espaço longo e estreito contíguo a uma fiada de janelas do chão ao teto. Ele não acendeu a luz. Não precisou. O espaço estava iluminado pelos arranha-céus e respetivos reflexos no negrume do rio. Encaminhou-se sem falar para as janelas. Ele veio postar-se ao seu lado.

— Estão vivos, os edifícios... alguns mais que outros — disse ela em voz sussurrada passado um momento. Lançou-lhe um olhar lastimoso e foi brindada com um sorriso. Sentiu-se inundada de embaraço. — Quero dizer, assim *parecem*. Sempre o pensei. Cada um deles tem uma alma. À noite, especialmente... posso senti-lo.

— Eu sei que pode. Por isso escolhi a sua pintura.

— Não pelas linhas perfeitamente direitas e pelas reproduções precisas? — perguntou ela tremulamente

— Não. Não por causa disso.

A expressão dele aplanou-se quando ela sorriu. Ela foi tomada de inesperado prazer. Ele *sempre* a entendia afinal de contas. E... ela dera-lhe o que ele queria.

Contemplou a vista magnífica. — Entendo o que queria dizer — disse ela, a voz vibrando-lhe de entusiasmo. — Há um ano e meio que não tenho aulas de arquitetura, e tenho andado tão ocupada com as aulas de arte que não estou a par dos jornais, ou teria sabido. Ainda assim... que vergonha não o ter visto já — disse, referindo-se aos dois mais proeminentes edifícios que recortavam o rio cintilante pontilhado de ouro e negro. Abanou a cabeça, maravilhada. — Fez das Noble Enterprises uma versão moderna e aerodinâmica de um clássico da arquitetura de Chicago. É como uma versão contemporânea do Sandusky. Brilhante — disse, referindo-se ao eco que o edifício da Noble Enterprises fazia do Edifício Sandusky, uma obra-prima gótica. A Noble Enterprises era tal e qual Ian — uma versão moderna, arrojada, de linhas fortes e elegante de um qualquer antepassado gótico. Sorriu à ideia.

— A maioria das pessoas não vê o efeito até que eu lhes mostre esta vista — disse ele.

— É de génio, Ian — disse ela sentidamente. Lançou-lhe um olhar interrogador, reparando nos reflexos das luzes dos arranha-céus nos olhos dele. — Porque não se gabou disto junto da imprensa?

— Porque não o fiz para a imprensa. Fi-lo para meu próprio prazer, tal como faço a maior parte das coisas.

Ela sentiu-se acuada pelo olhar dele e não foi capaz de responder. Não era aquilo uma coisa particularmente egoísta de dizer? Porque, então, lhe provocavam as palavras dele aquele peso crescente na junção das coxas?

— Mas agrada-me que lhe agrade — disse ele. — Tenho outra coisa para lhe mostrar.

— Tem? — perguntou ela sem fôlego.

Ele limitou-se a assentir uma vez. Ela seguiu-o, contente por ele não poder ver a cor das suas faces. Ele conduziu-a para uma sala quase toda rodeada de estantes de madeira escura de nogueira repletas de livros. Deteve-se à porta, vendo a reação dela a olhar curiosamente à sua volta, o olhar aterrando por fim e cravando-se na pintura acima da lareira. Quedou-se petrificada. Encaminhou-se para ela como que em transe e admirou uma das suas próprias peças.

— Comprou isto ao Feinstein? — sussurrou, referindo-se a um dos seus companheiros de casa — Davie Feinstein, proprietário de uma galeria em Wicker Park. A peça que contemplava era a sua primeira pintura por ele vendida. Ela insistira depois de a ter dado a Davie como caução da sua quota-parte da renda um ano e meio antes, quando estava sem um cêntimo aquando da mudança deles para a cidade.

— Sim — disse Ian, a sua voz dizendo-lhe que estava postado mesmo atrás do seu ombro direito.

— Davie nunca mencionou...

— Pedi a Lin que ma providenciasse. A galeria provavelmente nunca soube quem a comprou realmente.

Engoliu a custo o nó na garganta enquanto percorria com o olhar a representação do homem solitário descendo pelo meio de uma rua de Lincoln Park no escuro da madrugada, de costas para ela. As torres em volta pareciam fitá-lo com desinteressado alheamento, tão imunes à dor humana como ele parecia ao seu próprio sofrimento. O sobretudo aberto adejava atrás dele. Os ombros curvavam-se contra o vento, e as mãos estavam enterradas nos bolsos das calças de ganga. Cada linha do seu corpo resumava poder, graça, e a resignada espécie de solidão que se caleja em força e determinação.

Adorava esta peça. Matara-a abrir mão dela, mas a renda tinha de ser paga.

— *O Gato Que Anda Sozinho* — disse Ian atrás dela, a voz soando áspera.

Ela sorriu e soltou uma leve risada ao ouvi-lo referir o título que dera à pintura. — «Eu sou o Gato que anda sozinho, e todos os lugares são iguais para mim.» Pinte isto no segundo ano de faculdade. Andava a ter umas aulas de literatura inglesa na altura, e estávamos a estudar Kipling. A frase pareceu de algum modo fazer sentido...

A voz emudeceu-se-lhe enquanto fitava a figura solitária na pintura, toda a sua consciência focada no homem postado atrás dela. Olhou para trás de relance, para Ian, e sorriu. Embaraçou-a constatar que os olhos lhe ardiavam de lágrimas. As narinas dele dilataram-se ligeiramente, e ela voltou-se abruptamente, enxugando as faces. Tocara algo bem fundo no seu ser, ver a sua pintura nas profundezas da casa dele.

— Acho melhor ir andando — disse.

O coração começou a bater-lhe aos ouvidos no pesado silêncio que se seguiu.

— Talvez seja melhor — disse ele por fim. Ela voltou-se e soltou um suspiro de alívio — ou seria pesar — quando viu a figura alta sair da sala. Seguiu-o, murmurando um agradecimento quando ele lhe seguiu a jeito o blusão de ganga assim que chegaram à entrada. Ele resistiu quando ela tentou tirar-lho. Ela engoliu em seco e virou-lhe as costas, deixando que ele lho vestisse. Os nós dos dedos dele roçaram-lhe a pele dos ombros. Ela reprimiu um estremeamento quando ele lhe fez deslizar a mão por sob o longo cabelo, tocando-lhe ao de leve a nuca. Ele retirou-lhe gentilmente o cabelo para fora do blusão e alisou-lho sobre as costas. Ela não logrou reprimir um arrepio e desconfiou de que ele o sentiu sob a mão.

— Que cor mais rara — murmurou ele, afagando-lhe ainda o cabelo, pondo-lhe os nervos num ainda mais elevado grau de alerta.

— Posso mandar o meu motorista Jacob levá-la a casa — disse passado um momento.

— Não — disse ela, sentindo-se pateta por não se virar para falar. Não conseguia mexer-se. Estava paralisada. Cada célula do seu corpo vibrava consciente de vida. — O meu amigo vem apanhar-me daqui a pouco.

— Virá para aqui pintar? — perguntou ele, a sua voz profunda ecoando-lhe a meros centímetros do ouvido direito. Ela olhou fixamente em frente, sem nada ver.

— Sim.

— Gostaria que começasse na segunda-feira. Tratarei de que Lin lhe providencie um cartão de entrada e a palavra-passe para o elevador. As coisas de que necessitará estarão a postos quando chegar.

— Não posso vir todos os dias. Tenho aulas... a maior parte de manhã... e trabalho no bar das sete até fechar, vários dias por semana.

— Venha quando puder. O que interessa é que virá.

— Sim, está bem — logrou ela articular através da garganta comprimida. Ele não lhe tirara a mão das costas. Sentiria o seu coração a palpitar? Tinha de sair dali para fora. *Já*. Sentia-se mais que fora de pé.

Precipitou-se para o elevador, carregando apressadamente num botão do painel de controlo. Se pensara que ele a ia tocar de novo, pensara mal. A lustrosa porta do elevador abriu-se com um deslizar.

— Francesca? — disse ele quando ela se apressou a entrar.

— Sim? — perguntou ela, virando-se.

Ele estava postado de mãos atrás das costas, a posição fazendo com que o casaco se lhe abrisse, revelando o abdómen enxuto sob a camisa, as ancas estreitas, a fivela prateada do cinto, e... tudo por baixo.

— Agora que tem alguma segurança financeira, preferia que não vagueasse pelas ruas de Chicago de madrugada em busca de inspiração. Nunca se sabe com o que se poderá deparar. É perigoso.

A boca escancarou-se-lhe de puro espanto. Ele avançou e carregou num botão do painel de controlo, fazendo as portas deslizar e fecharem-se. O último vislumbre que teve dele foi o seu reluzente olhar azul num rosto de contrário impassível. O coração disparou-lhe para um ribombar nos ouvidos.

Ela pintara-o a *ele* há quatro anos. Era isso que ele lhe estava a dizer — que sabia que ela o observara a andar pelas ruas escuras e solitárias na calada da noite enquanto o resto do mundo jazia adormecido, quente e regalado nas suas camas. Francesca não se apercebera da identidade da sua

inspiração na altura, nem ele provavelmente se soubera observado até ver a pintura, mas não podia haver dúvida quanto a isso.

*Ian Noble* era o gato que andava sozinho.

E quisera que ela o soubesse.

## Capítulo Dois

Ele logrou tirá-la completamente do pensamento durante dez dias completos. Viajou para Nova Iorque para uma estada de duas noites e finalizou a aquisição de um programa de computador que lhe permitiria iniciar uma nova rede combinando aspetos sociais e um único aplicativo de jogos. Fez a sua habitual visita mensal ao seu condomínio em Londres. Enquanto em Chicago, reuniões e trabalho tinham-no mantido no escritório até muito depois da meia-noite. Quando finalmente chegara ao *penthouse*, o interior estava mergulhado em obscuridade e silêncio.

Não era *inteiramente* exato dizer que mantivera Francesca Arno completamente fora do pensamento, contudo. *Ou honesto*, admitiu Ian severamente para consigo próprio enquanto subia no elevador para o *penthouse* na quarta-feira à tarde. A consciência que guardava dela acorria-lhe em rápidos e poderosos lampejos, penetrando-lhe a concentração nos detalhes do mundo do dia-a-dia. A Sra. Hanson, a sua governanta, punha-o inocentemente a par das coisas durante o seu típico tagarelar respeitante ao evoluir dos seus projetos domésticos semanais. Aprazera-lhe saber que a idosa inglesa fizera amizade com Francesca, convidando-a ocasionalmente para a cozinha para tomar chá com ela. Agradara-lhe ouvir que Francesca se ia sentindo cada vez mais confortável na sua casa, e depois perguntara-se de que importava tudo isso. A pintura era a única coisa que ele queria, e seguramente as condições de trabalho eram adequadas.

Por uma vez, dissera para consigo mesmo que estava a ser mal-educado ao ignorá-la. Seguramente o facto de a evitar punha demasiada ênfase

nela, empolando mais do que o devido a situação. Na quinta-feira anterior ao fim da tarde, fora ao estúdio dela com a intenção de lhe perguntar se gostaria de tomar qualquer coisa com ele na cozinha. A porta estava entreaberta, e entrara sem bater. Durante alguns segundos, ficara postado a observá-la, sem que ela desse por isso.

Ela estava encavalitada num pequeno escadote, trabalhando no canto superior direito da tela, completamente absorvida. Embora ele se tivesse certificado de que não fazia o mínimo ruído, ela virara-se de súbito e quedara-se petrificada, encarando-o com uns sobressaltados olhos castanhos, o lápis ainda sobre a tela. Uma pesada madeixa de cabelo reluzente soltara-se-lhe do gancho atrás da cabeça. Tinha um borrão de carvão na face aveludada, e os lábios de um rosa carregado haviam-se-lhe apartado de surpresa à vista dele.

Ele perguntara-lhe polidamente quanto aos seus progressos e tentara não reparar no latejar da pulsação na garganta dela ou nas curvas redondas dos seus seios. Ela tirara o blusão enquanto trabalhava e usava um top justo. Os seios eram mais cheios do que ele antes julgara, o seu volume contrastando eroticamente com as ancas e cintura estreitas, e as pernas longas e ágeis.

Após trinta segundos de conversa formal, fugira como o cobarde que era.

Disse de si para si que a hiperconsciência que tinha dela era completamente natural. Ela era de uma beleza incrível, afinal de contas. O facto de parecer completamente alheada da sua sexualidade fascinava-o. Teria ela crescido nalguma espécie de toca? Seguramente estava acostumada a ter homens empertigando-se quando entrava nalgum lado, salivando à visão do seu sedoso cabelo louro-rosado, aveludados olhos castanhos e figura alta e esbelta. Como poderia ela não ter aprendido, aos vinte e três anos de idade, que a sua imaculada pele branca, os luxuriosos lábios de um rosa carregado, e o corpo esguio e flexível tinham o poder de deitar por terra um homem forte?

Não sabia a resposta para essa pergunta, mas, após cuidadoso estudo, podia dizer com confiança que a sua falta de consciência não era representação nenhuma. Andava com o passo pernalta e esgalgado de um miúdo adolescente e proferia as mais incríveis gafes.

Só quando enfeitiçada a contemplar os quadros dele, ou quando olhara pela janela para o recorte citadino, ou quando ele a espiara secretamente enquanto ela desenhava o seu esboço naquela noite, completamente perdida na sua arte, a sua beleza se revelava plenamente.

E uma visão mais insinuante e viciante não se lembrava ele de ter visto. Deteve-se no vestíbulo. Ela estava lá. Som algum emanava das



profundezas da sua residência, mas de algum modo soube que Francesca trabalhava no seu estúdio improvisado. Ainda estaria a fazer o esboço na enorme tela? Subitamente imaginou-a na perfeição, o belo rosto tenso de concentração, os olhos escuros tremulando para trás e para diante entre o lápis que se movia veloz e a vista. Tornava-se taciturna e imponente como um juiz quando trabalhava, todo o seu constrangimento dissipado em neblina pelo seu brilhante talento e uma invulgar graça que não parecia saber possuir.

Era igualmente ignorante da sua potente capacidade de atração sexual. Ele, por outro lado, estava agudamente consciente da promessa e poder dessa atração. Infelizmente, estava igualmente ciente da sua candura. Podia praticamente cheirá-la em seu redor; a sua inocência entremesclava-se com uma sexualidade não atestada, criando um perfume inebriante que o desestabilizava.

O suor formou-se-lhe sobre o lábio superior. O membro intumesciu-se-lhe para plena prontidão numa questão de segundos.

Franzindo o cenho, olhou de relance para o relógio e tirou o telemóvel do bolso. Tocou umas quantas teclas e percorreu o corredor, desviando na direção do seu quarto. Afortunadamente, os seus aposentos particulares ficavam na extremidade do condomínio oposta ao local de trabalho de Francesca. Precisava de a tirar do pensamento. Purgá-la.

Uma voz atendeu a chamada.

— Lucien. Surgiu uma coisa importante, e vou atrasar-me. Podemos encontrar-nos às cinco e meia em vez de às cinco?

— Claro. Aí estarei daqui a quarenta e cinco minutos. Espero que te sintas com pele de paquiderme, pois estou com toda a gana.

Ian sorriu retorcidamente ao fechar a porta do quarto atrás de si e trancá-la. — Tenho a sensação de que a minha espada hoje também está sedenta de sangue, meu amigo, portanto veremos quem precisará ou não de pele de paquiderme.

Lucien ainda se ria quando Ian desligou. Guardou a pasta e tirou um uniforme de esgrima do quarto de vestir, dispondo o plastrão, calções, e um gilê. Despiu-se rápida e eficientemente. Da pasta, tirou uma chave. Havia dois grandes quartos de vestir contíguos aos seus aposentos particulares. A Sra. Hanson — fosse quem fosse salvo Ian — estava proibida de entrar num deles.

Era território privado de Ian.

Abriu a porta de mogno e entrou nu no quarto de teto alto. Estava forrado de gavetas e nichos de cada lado e era sempre mantido meticulosamente impecável. Abriu uma gaveta à sua direita e retirou as coisas que queria antes de sair para a cama.

A culpa era sua por não se ter apercebido de que este desejo inútil estava a escalar para níveis perigosos. Talvez providenciasse a vinda de uma mulher no fim de semana, mas entretanto tinha de aplacar o aguçado pico da sua fome sexual.

Esguichou um pouco de lubrificante na mão. A ereção não abatera. Foi percorrido por arrepios de prazer ao esfregar a pila com o lubrificante fresco. Considerou estender-se na cama, mas não... era melhor de pé. Pegou na manga de silicone transparente e agarrou no pesado membro. Mandara fazer o fato de masturbação à sua medida, especificando que queria o silicone bem claro. Dava-lhe gozo ver-se ejacular. O fabricante seguira as suas instruções na perfeição, tendo como única exceção acrescentado um círculo rosa-escuro em torno do anel superior do dispositivo. Na altura achara o acrescento relativamente inofensivo, por isso não se queixara. O masturbador não era um substituto. Podia ter as mulheres que quisesse a fazerem-lhe de bom grado um broche à maneira, de um momento para o outro. Com os anos, aprendera a lição essencial da discricção. Reduzira a sua outrora considerável lista a duas mulheres que sabiam precisamente o que ele queria sexualmente e entendiam os parâmetros do que ele daria em troca.

O uso do masturbador era puramente prático. Nada devia ao brinque-do sexual depois de ter servido o seu propósito.

Hoje, no entanto, um estremecimento de excitação percorreu-o à visão da sua espessa glândula a penetrar o estreito anel cor-de-rosa. Fletiu o braço, empurrando a justa bainha de silicone ao longo do pau dilatado até dois centímetros da raiz. Moveu a mão como um pistão, apreciando a rapidez com que a carne se incendiava dentro do espesso e aconchegado silicone.

Oh, sim. Era disto que ele precisava — de um bom orgasmo para esvaziar os tomates. Os músculos do abdómen, rabo e coxas retesaram-se-lhe à medida que o punho bombeava. As câmaras de sucção espremiavam-no e sugavam-no à medida que se movia, imitando sexo oral. Retirou a manga até à glândula e mergulhou uma e outra vez nas profundezas mornas e escorregadias.

Habitualmente, fechava os olhos e deixava-se levar por uma fantasia sexual enquanto se masturbava. Hoje, por alguma razão, o seu olhar manteve-se pregado na visão da sua pila penetrando o anel cor-de-rosa. Imaginou uns bojudos lábios rosa no lugar do anel de silicone. Viu uns enormes olhos escuros levantados para ele.

Os lábios de Francesca. Os olhos de Francesca.

*Não tens tempo nem vocação para seduzir uma inocente. Não te queimaste já a fazê-lo?*

Era um dominador relutante, talvez, mas um macho sexualmente dominante bem no seu apogeu, todavia. Há muito que conseguira aceitar a

sua natureza, sabendo que andava a par do seu solitário destino na vida. Não que quisesse estar sozinho. Era apenas suficientemente avisado para constatar que era inevitável. Vivia consumido pelo trabalho. Era um maníaco do controlo. Todos assim o diziam — os meios de comunicação, membros da comunidade empresarial... a sua ex-mulher. Resignara-se ao facto de que tinham todos razão. Felizmente, habituara-se à sua solidão.

*Não tens de todo o direito de sujeitar uma mulher como Francesca à tua natureza exigente.*

A voz admoestadora na sua cabeça foi sufocada pelo som do seu coração a martelar e dos seus suaves grunhidos de excitação enquanto bombeava a pila.

*Usá-la-ia para seu prazer, tomaria de assalto a sua doce boca. Ficaria ela um tudo-nada alarmada com a sua vigorosa possessão? Excitada?*

*Ambas?*

Gemeu à ideia e deu ao braço, esfregando mais depressa, cada músculo do seu corpo retesando-se até mais não.

A pila parecia descomunal quando a empurrou completamente para dentro da espessa manga de silicone. Não queria vir-se pela sua própria mão. Contudo, queria uma coisa que não devia, pelo que a sua mão teria de bastar.

Ainda que o que ele *realmente* quisesse fosse confinar uma beleza de longas pernas e cabelo louro, ordenar-lhe que ajoelhasse diante dele, e lhe tomasse a pila na boca molhada e apertada... ainda que o que ele *realmente* quisesse fosse testemunhar o lampejo de excitação nos olhos dela quando explodisse em clímax e se lhe desse.

O orgasmo abateu-se sobre ele, voraz e delicioso. Arquejou ao ver-se ejacular para dentro da manga transparente, o seu sémen irrompendo contra as paredes da câmara de sucção interior. Um momento depois, fechou os olhos com toda a força e soltou um gemido áspero, continuando a vir-se.

Cristo, fora um imbecil por não ter feito isto logo no começo da semana. Não conseguia parar de se vir. Estava claramente precisado de se aliviar. Não era típico dele ignorar as suas necessidades sexuais, e não imaginava porque se mantivera abstinente toda a semana. Tinha sido uma imbecilidade.

Poderia ter levado a uma perda de controlo, perspectiva que não podia tolerar. As pessoas que não atendiam às suas necessidades acabavam por cometer erros, por se tornar desleixadas e caóticas.

Os músculos afrouxaram à medida que era percorrido pelos cada vez mais fracos arrepios finais do orgasmo. Fez deslizar a manga para fora do pénis sensível. Envolveu com uma mão a verga nua e escorregadia e ali ficou, com a respiração acelerada.

Ela era uma mulher como outra qualquer.

Ou talvez não fosse? Apanhara-o desprevenido com a sua pintura. Deixava-o desconfortável, a consciência disso, qual farpa entranhada na pele. Fazia-o querer capturá-la, em troca... fazê-la pagar por de alguma forma lhe olhar para dentro da mente, vendo coisas que não podia ver com o seu talento único de transcendente precisão.

*Havia* de dominar este poderoso e dilacerante desejo. Voltou-se e desandou para a casa de banho para se lavar e preparar para o exercício de esgrima.

Mais tarde, enquanto se vestia, notou que ainda tinha o membro por demais sensível e que a ereção não se dissipara por completo. *Raios*.

Trataria de informar tanto Francesca como a Sra. Hanson de que desejava privacidade este fim de semana. Trataria de fazer um telefonema. Estava claramente necessitado de uma fêmea experiente que soubesse precisamente como lhe dar prazer para vencer esta sua estranha ânsia.

Lucien não mentira. Estava *mesmo* com toda a gana. Ian recuou a custo sob o agressivo avanço do seu amigo, aparando-lhe os golpes rápidos, aguardando calmamente o alongamento que o deixaria vulnerável. Há já dois anos que praticava regularmente esgrima com o outro homem, e acabara por perceber o seu estilo e como as emoções afetavam o seu combate. Lucien era um esgrimista extremamente hábil e inteligente, mas ainda tinha de aprender como os estados de alma de Ian podiam influenciar o seu manejo da espada.

Talvez porque Ian fizesse questão de dominar as suas emoções e de reagir por pura lógica.

Esta tarde, Lucien irradiava uma energia volátil, mais forte que de costume, mas estava invulgarmente incauto também. Ian aguardou até ver triunfo em cada linha da forma de ataque de Lucien. Reconheceu a segunda intenção do seu adversário, aparando com precisão o segundo golpe destinado a acabar com Ian de uma vez por todas. Lucien soltou um grunhido de frustração quando Ian ripostou com uma estocada.

— Lês pensamentos, raios te partam — resmungou Lucien, arrancando a máscara, as longas rastas espadanando por sobre os ombros. Ian removeu igualmente a máscara.

— Tens sempre a mesma desculpa. Na verdade, é tudo pura lógica, e tu bem o sabes.

— Outra vez — desafiou Lucien, erguendo a espada, os olhos cinzentos com um brilho feroz.

Ian sorriu. — Quem é ela?

— Quem é *quem*?

Ian lançou-lhe um seco olhar de relance ao tirar a luva. — A mulher que te faz martelar o sangue como uma cabra assanhada. — Confundia-o, este ar frustrado de Lucien, habitualmente tão popular com as mulheres.

A expressão de Lucien crispou-se, o olhar desviando-se. Ian deteve-se no movimento de tirar a outra luva. O cenho franziu-se-lhe de consternação. — O que se passa? — perguntou.

— Tenho andado para te perguntar uma coisa — disse Lucien em voz baixa e tensa.

— E então?

Lucien olhou-o fixamente. — São permitidas relações entre funcionários da Noble?

— Depende dos cargos. Está bem expresso no contrato de trabalho. Os diretores e supervisores estão proibidos de sair com inferiores, e serão despedidos se se descobrir que o fizeram. É altamente desaconselhado que diretores saiam juntos, embora não proibido. É deixado claro no contrato que se situações adversas surgirem no trabalho devido a uma relação fora do escritório, há motivo para despedimento. Acho que sabes não ser boa prática, Lucien. Ela trabalha no Fusion?

— Não.

— Trabalha num cargo de supervisão para a Noble? — perguntou Ian enquanto tirava a outra luva, o plastrão e o gilê, deixando apenas os calções justos e a camisola de baixo.

— Não estou certo. E se o trabalho na Noble for... heterodoxo?

Ian lançou-lhe um olhar arguto ao pousar a espada e pegar numa toalha. — Heterodoxo... como gerente de um restaurante *versus* diretor de um departamento de negócio? — perguntou retoricamente.

A boca de Lucien recurvou-se num esgar amargo. — Talvez o melhor seja eu comprar-te o Fusion quanto antes para que nenhum de nós os dois tenha de se preocupar com o assunto.

Sobressaltaram-se ambos com uma batida na porta da sala de esgrima.

— Sim? — chamou Ian, as sobrancelhas levantadas de perplexidade. A Sra. Hanson não tinha o hábito de o incomodar durante os treinos. O saber que não seria interrompido ajudava-o a encontrar uma zona de total concentração tanto na esgrima como demais rotinas desportivas.

Quedou-se imobilizado de espanto quando Francesca entrou na sala. Tinha o cabelo comprido frouxamente apanhado atrás da cabeça. Uns quantos fios roçavam-lhe o pescoço e as faces. Desprovida de um laivo sequer de maquilhagem, usava umas calças de ganga justas, um blusão informe com capuz e um par de ténis de corrida branco e cinza. Os ténis não eram de primeiríssima qualidade, mas Ian depressa avaliou que eram a

coisa mais cara que trazia no corpo. Pela abertura do blusão, viu a alça fina de outro top. A imagem do seu corpo flexível delineado através da peça de roupa justa subiu-lhe rapidamente ao cérebro.

— Francesca. O que faz aqui? — perguntou, a voz involuntariamente brusca face à perturbação da vívida e incontrolável memória. Ela deteve-se a uns passos do tapete de esgrima. A exuberância dos seus lábios rosa até o seu cenho franzido tornava provocante como o diabo.

— A Lin precisa de falar consigo a respeito de algo urgente. Como não atendia o telemóvel, ligou para o telefone de casa. A Sra. Hanson estava de saída para comprar algumas coisas de que precisava para o jantar, de maneira que eu disse que lhe daria o recado.

Ian assentiu uma vez, usando a toalha que tinha ao pescoço para enxugar alguma transpiração do rosto. — Ligo-lhe assim que sair do duche.

— Eu digo-lhe — respondeu Francesca, fazendo menção de sair.

— O quê? Ela ainda está em linha?

Francesca assentiu.

— Há uma extensão no vestíbulo mesmo à porta da zona de exercício. Diga-lhe que eu já lhe ligo.

— Está bem — disse Francesca. Olhou rapidamente de relance para Lucien e lançou-lhe um sorriso fugidio antes de dar meia-volta.

Sentiu-se picado de irritação. *Bem, com toda a justiça, Lucien não lhe ladrou como tu fizeste.*

— Francesca.

Ela girou nos calcanhares.

— Importa-se de voltar depois de dar o recado a Lin, por favor? Não tivemos oportunidade de falar grande coisa toda a semana. Gostava de saber dos seus progressos.

Ela hesitou por uma fração de segundo. O olhar descaiu-lhe para o peito dele, deixando-o petrificado e subitamente alerta.

— Claro. Volto já — disse antes de sair disparada. A porta da sala de esgrima fechou-se com um clique atrás dela.

Lucien exibia um sorriso rasgado quando ele o olhou de relance. — Quando visitei o Sul americano, eles tinham um dizer... “Um longo copo de água fresca”.

Ian olhou segunda vez. — Não te metas — disse sem mais.

Lucien pareceu espantado. Ian pestanejou, num misto de primitiva agressividade e vergonha face à aspereza que se lhe digladiava no sangue. Algo lhe ocorreu, e semicerrou os olhos.

— Espera lá... a mulher de quem falavas há pouco que trabalha para a Noble...

— Não é a Francesca — disse Lucien, os olhos reluzindo ao lançar a

Ian um olhar de viés e abriu o frigorífico para tirar uma garrafa de água. — Parece-me a mim que devias seguir o teu próprio conselho quanto a interesses românticos dentro da companhia.

— Não sejas ridículo.

— Não estás pois interessado naquela criatura deslumbrante? — perguntou Lucien.

Ian puxou a toalha do pescoço.

— Quero dizer que *eu* não tenho contrato de trabalho — disse, o seu tom seco deixando claro que a conversa acabara.

— Vejo que essa é a minha deixa para sair — disse Lucien retorcidamente. — Vemo-nos segunda-feira.

— Lucien.

Ele virou-se.

— Desculpa falar-te assim — disse Ian.

Lucien encolheu os ombros. — Sei o que é estar com a rédea curta. Tende a deixar um homem um bocado... irascível.

Ian não deu resposta, ficando postado a ver o amigo ir-se embora. Pensou no que Lucien dissera sobre Francesca ser um longo copo de água fresca. Lucien tinha toda a razão.

E Ian estava claramente sedento no deserto.

Olhou cauteloso para a porta de entrada e viu Francesca entrar de volta na sala.

**E**la lamentou ver Lucien acenar-lhe amigavelmente e sair da sala quando entrou. A atmosfera da grande e bem equipada sala de exercícios tornou-se mais pesada quando a porta se fechou atrás dele e ela foi deixada a sós com Ian. Deteve-se no limite do tapete.

— Chegue-se mais. Tudo bem. Pode pisar a pista com os seus ténis — disse ele.

Ela acercou-se cautelosamente. Deixava-a desconfortável olhar para ele. O seu rosto atraente estava impassível, como de costume. Ele estava impiamente provocante de calções justos e simples t-shirt branca. Supunha ser necessária uma t-shirt tão apertada por se usar outras peças justas por cima. Pouco deixava à imaginação, revelando cada crista e depressão do seu torso enxuto e musculado.

Obviamente, exercitar-se era uma grande prioridade para ele. O seu corpo era uma máquina bela e bem torneada.

— Pista? — repetiu ela, atravessando o tapete e acercando-se dele.

— O tapete de esgrima.

— Oh. — Olhou curiosa para a espada sobre a mesa, tentando ignorar

o subtil odor que o corpo dele emanava — uma mescla de límpido e pungente sabonete e suor masculino.

— Como está? — perguntou ele, o seu tom polido e descontraído nada tendo a ver com o brilho dos seus olhos azuis. Baralhava-a até mais não. Como daquela vez na noite de quinta-feira passada, por exemplo, quando ela se virara e dera com ele a observá-la enquanto fazia o esboço. Os seus modos eram quase formais, mas ela ficara ofegante de expectativa quando vira a forma como o seu olhar descaíra e lhe tardara nos seios, fazendo-lhe retesar os mamilos. Não podia deixar de recordar como se tinham despedido na primeira noite em que ele a convidara para o *penthouse*, como ele a tocara quando lhe vestia o blusão... a referência que fizera à sua pintura.

Ficara agradado ou irritado com o facto de ela o ter pintado? E seria imaginação sua, ou tê-la-ia ele avisado de que o título que dera à pintura não fora capricho nenhum como ela pensara, de que o sujeito da sua pintura andava verdadeiramente pela vida sozinho?

*Disparate*, castigou-se enquanto se forçava a suster-lhe o olhar penetrante. Ian Noble não pensava duas vezes nela para além do préstimo que tinha como pintora.

— Atarefada mas bem, obrigada — respondeu-lhe. Fez-lhe uma rápida recapitulação dos seus progressos. — A tela está preparada. Já fiz o esboço. Acho que poderei começar a pintar mesmo para a semana.

— E tem tudo de que necessita? — perguntou ele, passando por ela e abrindo o frigorífico. Movia-se com graça masculina. Adoraria vê-lo a praticar esgrima — agressão contida em graciosa ação.

— Sim. Lin foi inexecelável a tratar de tudo. Precisei de uma ou duas coisas, mas ela de imediato mas providenciou na segunda-feira passada. É um milagre de eficiência.

— Não podia estar mais de acordo. Não hesite em falar se precisar da mais pequena coisa. — Rodou a tampa da garrafa de água com um vivo jeito do pulso. Os bíceps retesaram-se-lhe sob as mangas da camisola, parecendo duros como pedra. Umhas quantas veias sobressaíram nos antebraços de aparência bem forte. — E dá conta do tempo? Aulas, trabalho no bar, pintura... vida social?

A pulsação começou a latejar na garganta dela. Baixou a cabeça para que ele não reparasse e simulou estar a examinar uma espada no armeiro.

— Não tenho grande vida social.

— Nada de namorado? — perguntou ele baixinho.

Ela abanou a cabeça passando a mão por um pomo gravado de espada.

— Mas certamente tem amigos com quem gosta de passar os tempos livres?



— Sim — disse, levantando os olhos para ele. — Sou muito chegada ao pessoal da casa.

— E o que gostam de fazer nos tempos livres?

Ela encolheu os ombros e tocou o cabo de outra espada. — Tempo disponível é um pouco uma raridade nos tempos que correm, mas quando tenho algum, o costume... jogos de vídeo, correr os bares, andar por aí, jogar póquer.

— Isso é o *costume* para um grupo de raparigas?

— Eu vivo com três rapazes. — Ela levantou os olhos a tempo de ver uma sombra de desagrado atravessar-lhe as feições estoicas. O coração acelerou-se-lhe. O cabelo dele, curto, lustroso, quase preto, estava húmido de transpiração no pescoço. Imaginou-se subitamente a passar-lhe a língua pela linha do cabelo, tomando o gosto do seu suor. Pestanejou e desviou o olhar.

— Vive com três rapazes?

Ela assentiu.

— O que pensam os seus pais disso?

Ela lançou-lhe um olhar aguçado por sobre o ombro. — Odeiam. De pouco lhes vale. Tanto pior para eles. O Caden, o Justin e o Davie são pessoas espetaculares.

Ele abriu a boca mas deteve-se. — Não é nada convencional — disse passados uns segundos, o tom contido dizendo-lhe que reconsiderara o que estava prestes a dizer.

— Heterodoxo, talvez. Mas isso não lhe deveria parecer invulgar, pois não? Não me disse na outra noite que o era muito? — perguntou ela, pondo de novo a atenção nas espadas. Desta vez envolveu o cabo com a mão e apertou, apreciando a sensação do aço duro e frio no punho. Correu a mão para cima e para baixo ao longo dele.

— Pare com isso.

Sobressaltou-se perante a intonação dele, deixando cair a mão como se o aço a tivesse queimado de súbito. Levantou os olhos para ele, siderada. Tinha as narinas ligeiramente dilatadas. Os olhos esbraseados. Espetou o queixo e bebeu um rápido trago de água.

— Pratica esgrima? — perguntou ele vivamente ao mesmo tempo que pousava a garrafa de água numa mesa.

— Não. Bem... não exatamente.

— O que quer dizer? — perguntou, avançando direito a ela, o cenho franzido.

— Uso um programa de esgrima com o Justin e o Caden, mas... nunca tinha tocado numa espada antes — disse com acanhamento.

A perplexidade dele desvaneceu-se abruptamente. Sorriu. Era como

ver o sol nascer sobre uma paisagem escura e macambúzia. — Refere-se a jogar numa consola de jogos?

— Sim — admitiu um bocadinho na defensiva.

Ele assentiu na direção do armeiro. — Pegue nessa ponta aí.

— Desculpe?

— Pegue na espada da ponta. Foi a Noble Enterprises que concebeu o programa original para esse jogo de esgrima que usa. Vendemo-lo à Shinatze há uns anos. Em que nível joga?

— Avançado.

— Então deve perceber o básico. — Susteve-lhe o olhar. — Pegue na espada, Francesca.

Havia um laivo de desafio no seu tom de voz. O sorriso perdurava-lhe ainda em torno dos lábios cheios. Estava outra vez a rir-se dela. Ela pegou na espada e lançou-lhe um olhar fulminante. O sorriso dele alargou-se. Ela pegou noutra espada e estendeu-lhe uma máscara. Inclinou a cabeça na direção do tapete. Quando se puseram frente a frente, a respiração de Francesca cada vez mais rápida e entrecortada, ele tocou com a sua espada na dela.

— Em guarda — disse suavemente.

Os olhos dela arregalaram-se de pânico. — Espere lá... vamos... *agora mesmo?*

— Porque não? — perguntou ele, posicionando-se. Ela olhou nervosamente para a sua espada, e depois para o peito dele desprotegido. — É uma espada de aprendizagem. Não me podia magoar com ela nem que tentasse.

Investiu. Ela aparou instintivamente o golpe. Ele avançou, e ela retrocedeu desajeitadamente, bloqueando-lhe ainda assim a lâmina. Mesmo através da sua névoa de alarme e confusão, não pôde deixar de admirar o fletir dos seus músculos torneados, a força contida do seu corpo longilíneo.

— Não tenha medo — ouviu-o dizer enquanto se defendia desesperadamente. Ele mal parecia esforçar-se. Bem podia estar a dar um passeio de fim de tarde, com o esforço que exibia. — Se conhece o programa de jogo, o seu cérebro conhece os movimentos adequados para me fazer frente.

— Como é que sabe? — guinchou ela, desviando-se com um salto da sua espada.

— Porque fui *eu* que concebi o programa. Defenda-se, Francesca — disse bruscamente no preciso momento em que investia. Ela soltou um ganido e bloqueou-lhe a lâmina a uns centímetros do seu ombro. Ele continuou a atacar sem retirar, fazendo-a recuar no tapete, os tinidos metálicos e zunidos das suas espadas enchendo o ar em torno deles.

Ele avançou mais rápido então — ela sentiu-lhe a força amplificar-se ao longo da lâmina da sua espada — mas a sua expressão permaneceu completamente calma.

— Está a deixar o seu flanco a descoberto — murmurou ele. Ela arquejou quando ele lhe atingiu com casual precisão a anca direita com a folha da espada. Ele mal lhe tocara, mas a anca e a nádega ardiam-lhe.

— Outra vez — disse ele com crispação.

Ela seguiu-o para o centro do tapete, a descontração e ausência de esforço com que ele lhe levava a palma fazendo-lhe ferver o sangue nas veias. Tocaram espadas e ela atacou, investindo direita a ele.

— Não deixe que a raiva por estar a ser derrotada a faça de tola — disse enquanto se digladiavam.

— Não estou com raiva — mentiu ela por entre os dentes cerrados.

— Você podia ser uma boa esgrimista. É muito forte. Faz exercício? — perguntou ele quase coloquialmente enquanto atacavam e defendiam.

— Corrida de fundo — disse ela, e logo guinchou de alarme quando ele desferiu um golpe particularmente forte.

— Concentre-se — ordenou ele.

— Fá-lo-ia se estivesse calado!

Fez uma careta quando ele soltou uma casquinada. Uma gota de suor deslizou-lhe pelo pescoço abaixo ao usar de toda a sua energia para lhe aparar os golpes. Ele fez finta, e ela deixou-se enganar. Mais uma vez, atingiu-a na anca direita.

— Se não protege esse flanco, vai ficar com o rabo negro.

As faces incendiaram-se-lhe. Resistiu ao ímpeto de tocar o lado da nádega que ainda lhe ardia do golpe de lâmina dele. Endireitou-se e forçou-se a regularizar a respiração. O olhar dele estava fixo no seu ombro. Ela constatou que a abertura do capuz descaíra com o movimento, e ajeitou o blusão com um puxão.

— Outra vez — disse ela, o mais calmamente possível. Ele assentiu uma vez em polida aquiescência.

Ela recompôs-se e enfrentou-o no centro do tapete. Sabia que estava a ser tola, sabia-o perfeitamente bem. Além de ser um exímio esgrimista, ele era um homem no seu apogeu físico. Jamais lhe levaria a melhor. Ainda assim, o seu espírito competitivo recusava-se a amochar. Tentou lembrar-se de algumas manobras de esgrima do jogo.

— Em guarda — disse ele. Tocaram espadas.

Desta vez, ela deixou-o avançar, guardando cuidadosamente todos os quadrantes. Só que ele era demasiado forte e rápido. Ao aproximar-se, suprimiu-lhe a capacidade de passar à ofensiva. Ela aparou os golpes com

ímpeto, esforçando-se por contê-lo. O seu entusiasmo aumentava à medida que ele a encurralava. Lutou desesperadamente, mas sabiam ambos que ele triunfaria.

— Pare — gritou alto de frustração quando ele a empurrou para o limite da pista.

— Submeta-se — disse ele, atingindo-lhe a espada com força tal que ela quase a largou. Ela limitou-se a bloquear-lhe o golpe seguinte.

— Não.

— Então *pense* — atirou ele.

Ela tentou desesperadamente seguir-lhe as instruções. As coisas estavam demasiado apertadas para investir, de modo que estendeu o braço, forçando-o a recuar de um salto.

— Muito bem — murmurou ele.

A lâmina dele moveu-se qual lampejo diante dos seus olhos. Ela nem sentiu o metal na pele. Baixou a guarda e olhou para baixo, chocada. Ele cortara-lhe em cheio a alça do top.

— Julguei que tinha dito que as espadas não eram afiadas — gritou numa voz sufocada.

— Disse que a sua não era. — Deu um jeito de pulso, e a espada dela voou pelos ares, aterrando no tapete com um baque inútil. Arrancou a máscara. Ela fitou-o, horrorizada. Resistiu ao impulso de fugir, tão temível parecia ele nesse momento.

— Nunca baixe a defesa, Francesca. *Nunca*. Da próxima vez que o fizer, castigo-a.

Atirou a espada para o lado e investiu direito a ela, de braços estendidos. Arrancou-lhe a máscara e atirou-a para o tapete. Uma mão envolveu-lhe a nuca, a outra aparou-lhe o pescoço e maxilar. Caiu sobre ela e tomou-lhe a boca com a sua.

A princípio, tal ataque de surpresa aos seus sentidos fê-la ficar rígida de choque. Depois o odor dele penetrou-lhe a consciência, o seu sabor. Ele inclinou-lhe a cabeça para trás e deslizou-lhe a língua por entre os lábios, claramente na intenção de a devorar. Arremessou para diante, explorando-a. Tomando posse dela.

Um jorro de calor líquido irrompeu-lhe entre as coxas, toda a resposta ao beijo dele sem precedentes na sua experiência de vida. Ele chegou-a mais a si, pressionando-a contra o seu corpo. Estava tão teso. Tão rijo. *Tem piedade, Senhor*. Como podia ela ter pensado que ele era indiferente? A ereção dele fazia-se sentir, devastadora, contra ela. Era como ser subitamente lançada para um inferno de luxúria masculina e deixada a arder impotente.

Gemeu-lhe dentro da boca. Os lábios dele modelavam e acariciavam

habilmente os seus, deixando-a aberta à possessão da sua língua. Ela deslizou a dela contra a dele, num digladiar de línguas igual ao de espadas. Ele gemeu e ainda se aproximou mais, fazendo-a rolar os olhos sob as pálpebras fechadas ao sentir toda a extensão da sua ereção. Ele era enorme e rijo. O sexo dela contraiu-se com força. Os seus pensamentos estilhaçaram-se num milhão de direções. Ele impeliu-a a recuar, e ela submeteu-se, mal sabendo o que fazia. Ele não parou de a beijar enquanto ela dava vários passos cambaleantes.

O ar escapou-se-lhe com um silvo da boca para dentro da boca dele, saqueadora, quando ele a encostou à parede. Fez força, ensanduichando-a entre duas superfícies duras como pedra. Ela esfregou-se instintivamente contra ele, sentindo-lhe os músculos bem definidos, roçando-lhe com força a enorme ereção.

Ele silvou e arrancou a boca da dela. Antes que ela sequer lhe adivinhasse a intenção, ele puxou-lhe para baixo o top, do lado onde a alça tinha sido cortada. Os seus longos dedos deslizaram-lhe pela curva superior do seio, puxando-lhe para trás a copa do sutiã, enfiando a mão lá dentro. O mamilo saltou-lhe para fora do tecido, a copa agora sob o seio, realçando a carne acima dela, alçando-a... expondo-a. O olhar dele ardia, ávido, ao fitar-lhe a carne desnudada. Ela sentiu-lhe o membro a movimentar-se contra o baixo-ventre e gemeu. As narinas dele dilataram-se e a cabeça mergulhou.

Ela emitiu um som sufocado quando a boca quente e molhada dele lhe deslizou sobre o mamilo. Ele chupou com força, deixando-lhe o mamilo eriçado e dolorido de desejo, provocando-lhe uma contração entre as coxas e outro jorro de calor. Gritou. Ah, Deus, o que lhe estava a acontecer? A vagina apertou-se-lhe até mais não, dorida de desejo, ansiando ser preenchida. Ele ouviu-a talvez gritar, pois deixou de lhe puxar pelo mamilo e apaziguou-o com a língua morna e molhada. Depois chupou de novo.

A sua fome tão manifesta encantou-a. Estava a magoá-la um bocadinho, a dar-lhe um prazer e tanto. O que mais a excitava era a sua fome ardorosa. Ansiou por alimentá-la... fazê-la crescer. Arqueou-se contra ele e gemeu impotente. Jamais homem algum ousara beijá-la com tal brutalidade ou tocar-lhe o corpo com tão potente combinação de sensual avidez e consumada perícia.

Portanto como haveria ela de saber até que ponto adoraria tal coisa?

Ele tomou-lhe o seio na mão e moldou-lho na palma enquanto continuava a chupá-lo. Um gemido áspero escapou-se-lhe da garganta para fora. Ele levantou a cabeça, e ela arquejou ante o abrupto cessar do calor dele...

do prazer dela. Ele estudou-lhe o rosto, a expressão rígida, os olhos esbraseados. Ela pressentiu a tensão crescente dentro dele, a luta. *Iria ele afastar-se?*, interrogou-se subitamente. *Queria-a ou não queria?*

Ele moveu subitamente a mão livre, cobrindo-lhe todo o sexo sobre as calças de ganga. Pressionou. Francesca gemeu impotente.

— Não — rosnou, como que debatendo-se consigo próprio. A cabeça morena mergulhou-lhe de novo contra o seio. — Tomarei o que é meu.

## **II**

Porque Não Pude Resistir





## Capítulo

### TRÊS

**F**rancesca intuía que seria má ideia asociar-se a espécimes como Ian Noble. Sentia-se mais que fora de pé sempre que ele olhava para ela com aquele brilho enigmático nos olhos azul-cobalto. Não a advertira ele próprio subtilmente de que era perigoso?

Agora aí estava a prova: quase noventa quilos de excitado músculo masculino de primeira encostando-a à parede. Devorava-a como se ela fosse a sua derradeira refeição.

Firmou-lhe o seio bem na mão, servindo a sua carne ao saque da sua boca. Puxou-lhe de novo pelo mamilo, numa sucção doce e penetrante. Francesca arquejou, batendo com a cabeça na parede quando a excitação lhe trespassou o sexo, a força da sua resposta sem precedente na sua vida. A mão dele pressionou-lhe a junção das coxas, aliviando-lhe a dor de desejo... fazendo-a escalar.

— Ian — disse tremulamente.

Ele ergueu a cabeça morena uns centímetros e fitou-lhe o seio. O mamilo reluzente estava avermelhado, o pequeno bico central alongado e rijo da sua boca voraz e língua sequiosa. O corpo retesou-se; o mastro espino-teou contra o ventre dela. Emitiu um rosnido rouco de satisfação masculina ante a visão.

— Teria de ser um sacana de um robô para não querer isto — disse em voz baixa e feroz. Ela gemeu de pura luxúria e aturdimento. A expressão ligeiramente perdida dele combinada com o olhar escaldante de triunfo fez com que algo se lhe agitasse no mais profundo do espírito.

Quem *era* este homem? Odiava a luta que nele pressentia. Levou-lhe a mão à nuca, passando-lhe os dedos pelo cabelo. Era tão espesso e sedoso como parecia. O olhar dele levantou-se para ela de um lampejo. Ela puxou-lhe a cabeça contra o seio.

— Tudo bem, Ian.

As narinas dele dilataram-se. — Tudo bem, *nada*. Não sabes o que dizes.

— Sei o que sinto — sussurrou ela. — Quem melhor que eu?

Ele fechou brevemente os olhos. De súbito, ela sentiu a tensão ceder e ele beijando-a já de novo na boca, fletindo as ancas, pressionando a ereção contra o abrigo macio da sua carne. Francesca agarrou-se-lhe à cabeça, sentindo que se afogava na essência dele. Através de uma névoa intoxicante de crescente luxúria, ouviu passos ao longe.

— Oh. Estão aí... desculpem. — Os passos iniciaram a retirada.

Ian levantou a cabeça, e ela ficou transfixa no seu olhar. Ele ajeitou o corpo, certificando-se de que o seu seio nu ficava fora de vista antes de lhe cobrir a carne exposta com o endireitar do blusão.

— *Qu'est-ce que c'est?* — vociferou bruscamente. Ela olhou à sua volta, confundida pela frase dita em francês, que ela não falava.

Os passos detiveram-se. — *Je suis désolé*. O teu telemóvel não para de tocar no vestiário. Seja o que for que Lin quer discutir contigo parece ser mesmo importante.

Ela reconheceu a voz afrancesada de Lucien. Soava abafada, como se falasse de costas para eles. O olhar fixo de Ian estava cravado nela. Ela sentiu o momento em que ele bateu em retirada. O corpo dele continuava encostado com força ao seu, rijo e excitado, mas uma porta pareceu fechar-se-lhe de rompante nos olhos.

— Devia ter-lhe ligado antes. Foi grosseiro da minha parte. Desleixado — disse Ian, não tirando os olhos do rosto de Francesca.

Os passos fizeram-se ouvir de novo, e ela ouviu uma porta bater sonoramente. Ele afastou-se impetuosamente dela.

— Ian? — perguntou ela debilmente. Sentia-se estranha, como se os seus músculos não conhecessem já o seu propósito, como se o peso e força do corpo de Ian fosse a única coisa que a mantinha de pé. Espalmou a mão na parede numa tentativa abrupta de endireitar o seu mundo. O braço dele estendeu-se para diante. Segurou-lhe o cotovelo, firmando-a. Perscrutou-lhe o rosto com o olhar.

— Francesca? Tudo bem contigo? — perguntou bruscamente.

Ela pestanejou e assentiu com a cabeça. Ele soara quase zangado.

— Lamento. Isto não devia ter acontecido. Não era intenção minha — disse ele num tom rígido.

— Oh — disse ela estupidamente, com a cabeça a andar à volta. — Quer dizer que não vai tornar a acontecer?

A expressão dele aplanou-se. *O que diabo estava ele a pensar?*, perguntou-se ela, soçobrando mentalmente.

— Não me chegaste a dizer. Os rapazes com quem vives... dormes com algum deles? Com todos?

O cérebro dela empancou.

— *O quê?* Qual a ideia de me perguntares tal coisa? Claro que não durmo com eles. São meus companheiros de casa. Meus amigos.

O olhar semicerrado dele descaiu para o seu rosto e peito. — Esperas que acredites nisso? Três homens a viverem na mesma casa contigo, e é tudo completamente platónico?

A raiva penetrou-lhe a consciência entorpecida de luxúria. E desatou a rugir qual tsunâmi. Estaria ele a tentar insultá-la de propósito? Estava a resultar. Mas que sacana mais enfurecedor. Como se atrevia ele a dizer-lhe com tal descaramento uma coisa daquelas depois do que acabara de fazer?

(Depois do que ela lhe *permitira* fazer?)

Afastou-se da parede, detendo-se a vários passos dele. — Perguntaste, e eu disse-te a verdade. Não me interessa se acreditas ou não. A minha vida sexual não te diz respeito nenhum.

Fez menção de se retirar.

— Francesca.

Ela deteve-se mas recusou-se a dar meia-volta. A raiva começava a dar espaço à humilhação. Se olhasse para aquele seu rosto deslumbrante e convencido, bem podia explodir.

— Só perguntei porque estava a tentar perceber quão... experiente és.

Ela virou-se bruscamente e fitou-o siderada. — Isso é importante para ti? *Experiência?* — perguntou, desejando que a punhalada de dor que sentira com as palavras dele não lhe tivesse soado na voz.

— Sim — disse ele. Sem qualquer suavidade. Sem qualquer concessão. Simplesmente *sim*. *Não jogas no meu clube, Francesca. És desajeitada, estúpida e badocha.*

A expressão dele endureceu, ele e desviou-lhe o olhar do rosto.

— Não sou o que possas julgar. Não sou um homem decente — disse ele, como se isso explicasse tudo.

— Não — disse ela com mais calma do que sentia. — Não és. Talvez nenhum dos lambe-botas de que te rodeias to tenha dito alguma vez, mas isso não é coisa de que te devas orgulhar, Ian.

Desta vez, ele não tentou impedi-la quando saiu disparada porta fora.

\* \* \*

Francesca estava sentada à mesa da cozinha observando macambúzia Davie a barrar a torrada de manteiga.

— O que te pôs de tão mau humor? Não que estejas de humor radioso desde ontem. Ainda te sentes em baixo? — perguntou Davie, referindo-se ao facto de ela ter ido para casa depois das aulas em vez de ir pintar para o *penthouse* de Noble.

— Não, estou fina — replicou Francesca com um sorriso tranquilizador que não pareceu convencer Davie.

A princípio, ela sentira-se perplexa e enfurecida com o que Ian dissera — e fizera — no ginásio dois dias antes, mas depois ficara preocupada. Teria o ocorrido ameaçado a sua valiosa comissão? Tê-la-ia tornado a sua falta de “experiência” menos valiosa para Ian, e portanto descartável? E se ele pusesse termo ao acordo de ambos e ela não tivesse maneira de pagar as propinas? Ela não era uma funcionária típica da Noble, afinal de contas. Não tinha contrato algum, apenas o seu patronato. E Ian tinha reputação de ser um tirano, não tinha?

Ficara tão ansiosa e confusa quanto ao modo como aquele beijo alterara a sua posição junto de Ian que não fora capaz de voltar para pintar na véspera.

Davie passou-lhe uma torrada para o prato e fez deslizar um frasco de compota através da mesa.

— Obrigada — balbuciou Francesca, pegando, indiferente, na faca.

— Come — ordenou Davie. — Far-te-á sentir melhor.

Davie era um misto de irmão mais velho, amigo e mãe-galinha para Francesca, Caden e Justin. Era cinco anos mais velho do que eles, tendo-os conhecido a todos quando regressara à Northwestern para tirar o seu MBA. Uma vez lá, conhecera Justin e Caden, que frequentavam o mesmo programa, e juntara-se ao círculo de amigos deles, do qual Francesca fazia parte. O facto de Davie ser igualmente historiador de arte, de volta à faculdade com vista a obter as ferramentas necessárias à expansão da sua única galeria para uma cadeia de galerias, imediatamente os atraía um para o outro.

Depois de Justin, Caden e Davie terem completado a pós-graduação e Francesca o bacharelato, Davie oferecera-se para lhes dar guarida na cidade. A moradia com cinco quartos de dormir e quatro casas de banho que ele herdara dos pais nas vizinhanças de Wicker Park era demasiado grande só para ele. Além disso, Francesca sabia que Davie queria a companhia. O seu amigo era dado a neuras, e Francesca sabia que a presença deles lá em cada ajudava a amenizá-las. Os pais de Davie tinham-no rejeitado quando, na adolescência confessara ser *gay*. Encontravam-se já minimamente reconciliados aquando da morte da mãe e do pai num estúpido acidente de

barco ao largo da costa do México três anos antes, facto que deixara Davie simultaneamente grato e triste.

Davie ansiava por um relacionamento, mas sempre fora de certa forma tão azarado aos amores como Francesca. Serviam de confidentes um ao outro, de consolo a seguir a cada amargo, frouxo e gorado encontro.

Todos os quatro companheiros de casa eram amigos, mas Francesca e Davie eram mais próximos nos seus gostos e temperamentos, enquanto Justin e Caden faziam frequente parilha com as obsessões comuns a muitos machos heterossexuais na casa dos vinte — uma carreira lucrativa, farras e sexo frequente com mulheres boas.

— Era o Noble ao telefone? — perguntou Davie, olhando significativamente para o telemóvel dela pousado na mesa. *Bolas*. Ele reparara que a chamada que acabara de receber a perturbara.

— Não.

Davie lançou-lhe um retorcido olhar de “despeja lá” após a sua resposta monossilábica, e ela suspirou.

Não contara a Caden e Justin o que acontecera no ginásio de Ian, que, como brilhantes jovens trabalhando em reputados bancos de investimento, estavam constantemente a assediá-la com perguntas a respeito de Ian Noble. Nem pensar em contar-lhes que o distante ídolo que tanto veneravam a encostara contra uma parede e a beijara e tocara até que não se tivesse nas pernas. Não contara a Davie, tão-pouco, o que era bem sinal de quão subjugada ficara com tal experiência.

— Era Lin Soong, a fiel empregada de Noble — admitiu Francesca antes de dar uma dentada na torrada.

— E?

Ela mastigou e engoliu. — Ligou a dizer-me que Ian Noble decidiu fazer um contrato de pintura comigo. Paga-me tudo adiantado. Ela assegurou-me de que os termos do contrato são mais que generosos, e que sob circunstâncias nenhuma poderá Noble tirar-me a concessão da comissão. Mesmo que eu não termine a pintura, ele não requererá a devolução do dinheiro.

Davie ficou de boca aberta. A torrada caiu-lhe dos dedos frouxos. Com o cabelo castanho-escuro tombando-lhe para a testa e a palidez matinal, parecia ter dezoito anos em vez dos seus vinte e oito.

— Porque estás tu como se ela tivesse ligado para dar parte de um funeral, então? Não é uma boa notícia, que Noble queira assegurar que serás paga aconteça o que acontecer?

Francesca atirou a torrada para o prato. O apetite evaporara-se-lhe quando assimilara por completo o que Lin lhe dizia naquele seu tom cálido e profissional. — Ele tem de ter toda a gente sob o seu domínio — disse amargamente.

— O que estás para aí a dizer, ‘Cesca? Se esse contrato é mesmo o que a assistente dele diz, Noble está a dar-te carta branca. Não precisas sequer de aparecer que serás paga.

Ela levou o prato para o lava-louça.

— Exatamente — resmungou, abrindo a torneira. — E Ian Noble sabe perfeitamente que fazer tal oferta é a única coisa que *assegurar*á que apareço e termino o projeto.

Davie empurrou a cadeira para trás para a encarar. — Estás a baralhar-me. Estás a dizer que estavas de facto a pensar *não* terminar a pintura?

Enquanto ela considerava a resposta, Justin Maker entrou a cambalear na cozinha usando um par de calças de treino, o tronco dourado e nu reluzindo à luz do sol, os olhos verdes inchados de falta de sono.

— Café, urgente — resmungou em voz enrouquecida, abrindo rapidamente o armário para tirar uma chávena. Francesca lançou a Davie um olhar implorador e apoloético, esperando que ele entendesse que não queria continuar a falar no assunto para já.

— Tu e o Caden fecharam outra vez o McGill’s a noite passada? — perguntou retorcidamente a Justin, referindo-se ao bar da vizinhança de todos preferido. Passou as natas ao amigo.

— Não. À uma já estávamos em casa. Mas adivinha quem toca no McGill’s no sábado à noite? — perguntou a Francesca, tomando as natas que ela lhe estendia. — Os Run Around. ‘Bora todos. É noite de póquer depois.

— Não me parece. Tenho uma coisa importante para segunda-feira, e não sou tão batida como tu e o Caden na rotina do deitar tarde e cedo erguer — disse Francesca preparando-se para deixar a cozinha.

— Vá lá, ‘Cesca. Vai ser giro. Já não saímos os quatro há algum tempo — disse Davie, surpreendendo-a. Tal como Francesca, a propensão de Davie para farras noturnas decrescera consideravelmente desde que tinham saído da Northwestern. O arco desafiador das sobrancelhas de Davie informou-a de que no seu entender uma saída à noite a encorajaria a despejar o que a atormentava.

— Vou pensar nisso — disse Francesca antes de deixar a cozinha.

Mas não pensou. A sua mente consumia-se já com o que iria dizer quando confrontasse Ian Noble.

Infelizmente, ele não estava lá quando chegou ao *penthouse* nessa tarde. Não que esperasse mesmo que estivesse. Habitualmente não estava. Indecisa quanto ao que faria no que tocava ao beijo, e à comissão — para não falar no seu futuro inteiro —, vagueou alheada até à sala que lhe servia de estúdio.

Cinco minutos depois, pintava febrilmente. Não fora Ian Noble que a fizera decidir-se. Nem a própria Francesca. Fora a pintura. Entranhara-se-lhe no sangue. Agora *tinha* de acabar.

Ficou horas perdida no trabalho, despertando finalmente do transe criativo quando o Sol se punha já atrás dos arranha-céus.

A Sra. Hanson batia algo numa tigela quando Francesca entrou a cambalear na cozinha para ir beber um copo de água. A cozinha de Ian lembrava-lhe aquilo que se poderia esperar encontrar num solar inglês — enorme, com cada utensílio de cozinha concebível jamais criado, mas de algum modo confortável ainda assim. Agradava-lhe sentar-se lá à conversa com a Sra. Hanson.

— Estava tão sossegada que nem me dei conta de que cá estava! — exclamou a amistosa velhota.

— Estava absorvida no trabalho — disse Francesca, levando a mão à pega do enorme frigorífico de aço inoxidável. A Sra. Hanson insistira desde o primeiro dia que Francesca se sentisse completamente em casa. Da primeira vez que abria o frigorífico, soltara uma exclamação de surpresa ao ver uma prateleira cheia de sodas a refrescar, juntamente com um prato de porcelana com rodela de lima cobertas de filme plástico. — Ian disse-me que a sua bebida preferida é soda com lima. Espero que goste desta marca — replicara ansiosamente a Sra. Hanson ante a sua exclamação.

Agora, sempre que abria o frigorífico, Francesca sentia aquele mesmo acesso de calor que sentira da primeira vez que se apercebera de que Ian se lembrava da sua preferência no que tocava a bebidas, e se assegurara então de que nunca lhe faltassem quando trabalhava.

*Que lástima*, repreendeu-se a si própria ao retirar a garrafa.

— Gostaria de jantar? — perguntou a Sra. Hanson. — Ian não há de querer fazê-lo por enquanto, mas eu podia arranjar alguma coisa para nós as duas.

— Não estou com grande fome. Obrigada, no entanto. — Hesitou, e logo deixou escapar: — Ian está então na cidade? Estará em casa mais logo?

— Sim, mencionou-o esta manhã. Habitualmente come às oito e meia em ponto, quer seja eu a servir-lhe o jantar ou coma no escritório. Ian aprecia a sua rotina. Sempre apreciou desde que o conheço de rapazinho.

A Sra. Hanson levantou os olhos para ela. — Porque não se senta aí e me faz companhia por um bocado? Parece pálida. Tem andado a trabalhar de mais. Tenho água a ferver. Tomaremos uma chávena de chá.

— Ok — concordou Francesca, deixando-se cair num dos bancos junto da ilha. Sentiu-se subitamente fraca de exaustão agora que o ímpeto de adrenalina criativa desaparecia. Além disso, não dormira bem nas duas últimas noites.

— Como era Ian em criança? — não conseguiu deixar de perguntar.

— Oh, alma mais velha nunca eu vi nos olhos de uma criança tão pequena — replicou a Sra. Hanson com um sorriso triste. — Sério. De uma esperteza sobrenatural. Um pouco tímido. Assim que ganhava confiança conosco, doce e leal como ninguém.

Francesca tentou imaginar o melancólico e tímido rapazinho Ian, de cabelo escuro, o coração apertando-se-lhe ligeiramente à imagem que o seu cérebro forjava.

— Parece um pouco aborrecida — consolou-a a governanta enquanto se afadigava, vertendo água a ferver para duas chávenas e dispondo umas quantas coisas numa bandeja de prata: dois scones, um requintado conjunto de colher e faca de prata, dois guardanapos de pano impecavelmente engomados, natas, e nozes de compota em encantadoras tacinhas de porcelana. Nada era jamais feito em pequena escala em casa de Ian Noble, nem sequer para dois dedos de conversa na cozinha. — A sua pintura não vai bem?

— Vai muito bem, na verdade. Obrigada — murmurou quando a Sra. Hanson colocou uma chávena e um pires diante dela. — As coisas estão a andar. Tem de vir dar uma olhada mais tarde.

— Gostaria. Um scone? Estão especialmente bons hoje. Nada como um scone com natas e compota para nos tirar o mau humor.

Francesca riu-se e abanou a cabeça. — A minha mãe morreria se a ouvisse dizer isso.

— Por que razão? — perguntou a Sra. Hanson, os olhos azul-pálido arregalando-se enquanto se detinha no processo de barrar o scone com natas.

— Porque me está a encorajar a tratar os meus estados de alma com comida, é essa a razão. Os meus pais, juntamente com meia dúzia de psicólogos infantis, perfuraram-me o cérebro com os malefícios da alimentação emocional desde os meus sete anos de idade. — Reparou na expressão confusa da Sra. Hanson. — Eu tinha excesso de peso em criança.

— Não posso crer em tal coisa! É magra como um palito.

Francesca encolheu os ombros.

— Assim que saí de casa para a faculdade, o peso como que se foi ao fim de um ou dois anos. Comecei a praticar corrida de fundo, portanto acho que isso ajudou. Mas pessoalmente penso que ficar longe do olhar crítico dos meus pais foi o verdadeiro motivo.

A Sra. Hanson emitiu um som sabedor. — Uma vez que o peso deixou de ser uma luta por poder, a gordura de nada servia?

Ela abriu-se num sorriso. — Podia ser psicóloga, Sra. Hanson.

A governanta riu-se. — O que teriam então Lorde Stratham ou Ian feito comigo?



Francesca deteve-se no ato de bebericar o chá. — Lorde Stratham?

— O avô de Ian, James Noble, Conde de Stratham. Trabalhei durante trinta e três anos para Lorde e Lady Stratham antes de vir para a América servir Ian há oito anos.

— O avô de Ian — murmurou Francesca pensativamente. — Quem herdará o título?

— Oh, um sujeito de nome Gerard Sinoit, sobrinho de Lorde Stratham.

— Não Ian?

A Sra. Hanson suspirou e pousou o scone. — Ian é herdeiro da fortuna de Lorde Stratham mas não do seu título.

A testa de Francesca enrugou-se de confusão. Os costumes ingleses eram tão estranhos. — Quem era Noble, a mãe ou o pai de Ian?

Uma sombra abateu-se sobre as feições da Sra. Hanson. — A mãe. Helen era filha única do conde e da condessa.

— Ela já... — Francesca calou-se delicadamente, e a Sra. Hanson assentiu tristemente.

— Morreu, sim. Morreu muito nova. Vida trágica.

— E o pai de Ian?

A Sra. Hanson não respondeu de imediato. Pareceu dividida. — Não estou certa de que deva falar destas coisas — disse a governanta.

Francesca corou. — Oh, claro. Peço desculpa. Não era minha intenção intrometer-me, apenas...

— Não acho que estivesse a ser impertinente — assegurou a Sra. Hanson, dando-lhe uma palmadinha na mão pousada na bancada. — Receio apenas que Ian tenha uma história de família muito triste, a despeito de toda a sua fulgurante fama e fortuna como homem feito. A sua mãe era deveras rebelde quando jovem... indómita. Os Noble não tinham mão nela — disse a Sra. Hanson com um olhar significativo. — Ela fugiu nos últimos anos da adolescência e esteve desaparecida durante mais de uma década. Os Noble temeram que houvesse morrido mas nunca tiveram prova disso. Prosseguiram as buscas. Foi um período negro na casa Stratham. — Um vislumbre de dor passou pelo semblante da Sra. Hanson ante a memória. — Os senhores estavam desesperados por encontrá-la.

— Posso bem imaginar.

A Sra. Hanson assentiu. — Foi um período verdadeiramente horrível. E não melhorou grande coisa quando finalmente localizaram Helen a viver num qualquer casebre no Norte de França, quase onze anos depois de ter desaparecido. Estava com o juízo alterado. Doente. Delirante. Ninguém logrou entender o que lhe tinha acontecido. Até hoje, ninguém parece saber. E lá estava Ian com ela... com dez anos de idade a caminho dos noventa.

A Sra. Hanson emitiu um som sufocado de angústia. Francesca apressou-se a levantar-se do banco.

— Lamento muito. Não era minha intenção perturbá-la — disse, a mente num torvelinho de curiosidade por mais informação a respeito de Ian e puro cuidado pela amável governanta. Descobriu uma caixa de lenços de papel e levou-a para a Sra. Hanson.

— Tudo bem. Eu é que não passo de uma velha tola — balbuciou a Sra. Hanson, tirando um lenço. — Muitos diriam que os Noble nada mais são que meus patrões, mas, para mim, são a minha única família. — Fungou e enxugou ao de leve as faces.

— O que se passa, Sra. Hanson?

Francesca sobressaltou-se ao som da severa voz masculina e deu meia-volta. Ian estava à porta da cozinha.

A Sra. Hanson olhou culposamente. — Chegou cedo, Ian.

— Está tudo bem consigo? — perguntou, o rosto contraído de preocupação. Francesca constatou que o comentário da Sra. Hanson quanto a considerar os Noble como família era recíproco.

— Estou fina. Por favor ,não ligue — disse ela, rindo airosamente e deitando o lenço fora. — Sabe como as velhas são piegas.

— Jamais a conheci como piegas — disse Ian. O seu olhar desviou-se de um lampejo da Sra. Hanson e foi aterrar em Francesca.

— Possô falar consigo por um momento, na biblioteca? — perguntou-lhe.

— Com certeza — disse ela, levantando o queixo e forçando-se a não se encolher perante o seu olhar esbraseado.

Um minuto mais tarde, voltou-se ansiosamente ao som de Ian a fechar a pesada porta de nogueira da biblioteca atrás dele. Avançou determinado para ela com o passo suave e gracioso de um predador. Porque seria que estava sempre a comparar um homem tão sofisticado e contido a uma coisa selvagem?

— O que foi que disse à Sra. Hanson? — clamou. Ela já esperava aquilo, mas eriçou-se não obstante, perante a subtil inflexão acusadora no seu tom de voz.

— Não disse nada! Estávamos apenas... a conversar.

O olhar dele penetrou dentro dela. — A conversar sobre a minha família.

Ela resistiu a soltar um suspiro de alívio. Aparentemente, ele apenas ouvira os últimos comentários e não se apercebera do que a Sra. Hanson revelara a respeito da sua mãe. E dele. De algum modo, tinha a certeza que ele estaria de longe menos contido do que estava se soubesse que a Sra. Hanson dera com a língua nos dentes quanto a detalhes tão íntimos.

— Sim — admitiu, empertigando-se e sustendo-lhe o olhar, conquanto

lhe custasse um esforço e tanto. Por vezes aqueles olhos angélicos tornavam-se olhos de anjo vingador. Cruzou os braços sob os seios. — *Eu* perguntei-lhe pelos seus avós.

— E isso fê-la chorar? — perguntou ele, o tom imbuído de sarcasmo.

— Não conheço ao certo os pormenores do que a fez chorar — ripostou ela. — Não me estava a intrometer, Ian. Estávamos apenas à conversa, conversa cortês. Você devia tentar fazê-lo também.

— Se quer saber da minha família, preferiria que me perguntasse a mim.

— Oh, e tratará de censurar todos os detalhes, sem dúvida — contrapôs ela, o seu tom tão sarcástico como o dele anteriormente.

Um músculo saltou-lhe no malar. Abruptamente, ele dirigiu-se à grande e reluzente secretária e pegou numa estatueta de um cavalo de bronze, brincando com ela. Francesca interrogou-se, num misto de irritação e nervosismo, se ele desejaria ocupar as mãos com qualquer coisa para não a estrangular. Encontrando-se ele de costas para ela, teve oportunidade de o estudar pela primeira vez. Envergava um par de calças de corte impecável, camisa branca, e uma gravata azul que dizia com os seus olhos. Dado que usava sempre fato para trabalhar, partiu do princípio de que despira o casaco. A camisa engomada ajustava-se-lhe na perfeição aos ombros largos. As calças realçavam-lhe as ancas estreitas e as pernas compridas: a definição perfeita de pura e elegante masculinidade. *Bem que ele era um belo espécime de macho*, pensou rancorosa.

— Lin disse que a contactou hoje de manhã — disse ele, a mudança de assunto apanhando-a desprevenida.

— Contactou. Gostaria de lhe falar quanto ao que ela disse — replicou Francesca, a ansiedade levando agora a palma à raiva.

— Esteve a pintar, hoje. — Foi mais uma afirmação do que uma pergunta.

Ela pestanejou de surpresa. — Sim. Como... como soube? — Ficara com a impressão de que ele viera direito à cozinha depois de entrar em casa.

— Tem tinta no indicador direito.

Ela baixou os olhos de relance para a mão direita. Não o vira olhar sequer de relance naquela direção. Teria ele olhos atrás da cabeça?

— Estive a pintar, sim.

— Pensei que talvez não fosse voltar, depois do que se passou na quarta-feira.

— Bem, voltei. E não porque tivesse dito a Lin para me ligar a comprar-me. Não era necessário.

Ele virou-se. — *Eu* achei necessário. Não a quero preocupada se pode ou não pagar o mestrado.

— *Mais que isso... sabia* que eu terminaria a pintura se soubesse que me iria pagar a comissão de qualquer maneira — disse, irritada, virando-se abespinhada para ele.

Ele pestanejou e teve a decência de parecer ligeiramente desconcertado.

— Não gosto de ser manipulada — disse ela.

— Não estava a tentar manipulá-la. Apenas não queria que perdesse uma oportunidade merecida por eu me ter descontrolado. Não foi culpa sua o que se passou no ginásio.

— Estivemos na cortiça — resmungou ela em surdina, corando. — Não me parece que seja o deslize do século.

— Eu queria fazer um porradão mais do que curtir consigo, Francesca.

— Ian, *gosta* de mim? — perguntou ela impulsivamente. As pálpebras escancararam-se-lhe de supetão. Não podia *crer* que tinha acabado de deixar escapar a pergunta que lhe consumia o cérebro há dias.

— Se *gosto de si?* Quero fodê-la. Até mais não. Isto responde à sua pergunta?

O silêncio que se seguiu pareceu esmagar-lhe os pulmões tal o peso que comportava. O eco do rosnido grave e rouco que ele soltou pareceu pairar no ar entre eles.

— Porque o preocupa perder o controlo? Eu não sou uma menina de doze anos — logrou dizer ao fim de algum tempo. O rosto ardeu-lhe ainda mais quando o olhar dele tombou sobre ela.

— Não, mas bem podia ser — disse, o tom soando subitamente mais que peremptório. Ela sentiu-se inundada de humilhação. *Como podia ele passar de escaldante a frio assim tão facilmente?*, interrogou-se, enfurecida. Ele contornou a secretária e sentou-se na cadeira de couro macio. — Pode ir agora... se é que não há mais nada? — perguntou, o olhar polido. Indiferente.

— Gostaria que me pagasse quando a pintura estiver feita. Não antes — disse ela, a voz trémula de raiva a custo contida.

Ele assentiu pensativamente, como que considerando o pedido. — Não terá de gastar o dinheiro até lá, se prefere. Mas a quantia já foi transferida para a sua conta.

A boca dela abriu-se de espanto. — Como é que soube o número da minha conta?

Ele não respondeu, apenas ergueu ligeiramente os sobrolhos, com uma expressão branda.

Ela mal reprimiu a escaldante imprecação que estava a ponto de lhe saltar da garganta. Dado que não podia amaldiçoar o seu patrono pela sua arrogância — ou generosidade —, nada mais lhe ocorreu dizer-lhe. A fúria deixara-lhe o cérebro em curto-circuito. Virou-se e fez menção de sair.

— Oh, e Francesca? — chamou ele calmamente nas suas costas.

— Sim? — perguntou ela, olhando para trás.

— Não conte trabalhar aqui no sábado à noite. Terei gente em casa. Gostaria de privacidade.

Algo pareceu aterrar-lhe nas entranhas como uma bola de chumbo. Ele estava a dizer-lhe que ia ter uma mulher ali no fim de semana. De algum modo, simplesmente soube-o.

— Não há problema. Fazia planos de ir sair no sábado à noite e arejar a cabeça com os meus amigos. As coisas ficaram um bocadinho sufocantes por aqui.

Algo relampejou nos olhos dele antes de ela dar meia-volta, mas a sua expressão permaneceu indecifrável.

Como sempre.

**D**avie conduzia o carro de Justin com segurança através do trânsito fervilhante de sábado à noite em Wicker Park. Justin estava ligeiramente entornado depois de ouvir os Run Around no McGill's durante duas horas. Assim como Caden e Francesca, já agora.

Daí o programa insano.

— Vá lá, 'Cesca — incitou Caden Joyner do banco de trás. — Vamos todos fazer uma.

— Mesmo tu, Davie? — perguntou Francesca do seu lugar no assento do passageiro.

Davie encolheu os ombros. — Sempre quis ter uma tatuagem no bíceps... uma daquelas à moda antiga, como uma âncora ou algo do género — disse ele, lançando-lhe um sorriso enquanto virava para descer a North Avenue.

— Acha que assim arranjará um pirata — gozou Justin.

— Bem, eu não farei nenhuma enquanto não tiver tempo para a desenhar eu própria — disse ela resolutamente.

— Desmancha-prazeres — acusou Justin sonoramente. — Qual é a graça de *planear* uma tatuagem? O suposto é acordar-se de manhã com uma horrível foleirada e não se fazer ideia de como foi ela ali parar na noite anterior.

— Estás a falar de uma tatuagem ou das mulheres que trazes para casa? — perguntou Caden.

Francesca desatou a rir. Mal ouviu o telemóvel tocar na carteira, graças à ruidosa troca de bocas e altercações entre os amigos. Espreitou o telemóvel, não reconhecendo o número.

— Está? — atendeu, forçando-se a parar de rir.

— Francesca?

A risota desfez-se-lhe na boca.

— *Ian*? — perguntou incrédula.

— Sim.

Justin disse qualquer coisa em voz alta lá do banco de trás, e Caden rebentou a rir. — Interrompo alguma coisa? — perguntou Ian, a sua rígida voz com sotaque britânico em flagrante contraste com a arruaça dos amigos.

— Não, vim só sair com os meus amigos. Porque me liga? — perguntou, o espanto tornando-lhe o tom de voz mais rude do que era seu intento.

Caden desmanchou-se a rir, e Davie juntou-se a ele. — Ei, malta... parem com isso — sibilou Francesca, sendo sumariamente ignorada.

— Tenho estado a pensar numa coisa... — começou Ian.

— Não! Vira à esquerda — gritou Justin. — A Dragon Signs do Bart fica na North Paulina.

Ela arquejou quando Davie travou a fundo e foi projetada contra o cinto de segurança.

— O que estava a dizer? — perguntou Francesca ao telemóvel, mais desorientada pelo facto de Ian lhe ter ligado do que pelo cérebro lhe ter estremecido no crânio com a abrupta mudança de direção efetuada por Davie. Seguiu-se uma longa pausa do outro lado da linha.

— Francesca, está bêbeda?

— Não — disse ela friamente. Quem era ele para adotar aquele tom de reprovação?

— Não vai a guiar, vai?

— Não, não vou. Vai o Davie. E ele não está bêbedo tão-pouco.

— Quem é, 'Ces? — gritou Justin do banco de trás. — O teu pai?

Irrompeu-lhe uma gargalhada da garganta. Não conseguiu evitá-lo. A pergunta de Justin tinha acertado na mucosa, dado o tom de santinho de água benta de Ian.

— Não lhe digas que vais fazer uma tatuagem nesse magnífico rabo! — berrou Caden.

Ela encolheu-se. A sua risada foi bem mais débil desta vez. Sentiu-se inundada de vergonha à ideia de Ian ouvir a boca do amigo. Estava a provar ser tão imatura e desastrada como ele pensava.

— Não vai fazer tatuagem nenhuma — disse Ian.

O sorriso dela desvaneceu-se. A declaração soara mais a decreto do que a clarificação.

— Vou, por acaso *vou* fazer uma tatuagem — replicou ferozmente. — E, a propósito, não sabia que tinha o direito de mandar na minha vida. Concordei em fazer uma pintura para si, não em tornar-me sua escrava.

Caden, Justin e Davie emudeceram subitamente.

— Esteve a beber. Amanhã estará arrependida de fazer uma coisa tão impulsiva — disse Ian, um laivo de irritação repicando-lhe na voz de contrário calma.

— Como sabe? — clamou ela.

— Sei.

Ela pestanejou ante a resposta crispada e baixa. Por uma fração de segundo, convencera-se de que ele tinha absoluta razão. A irritação espicou-a. Tinha estado a tentar esquecê-lo toda a noite — a tentar fazer eclipsar-se do cérebro a recordação dele a dizer que queria fodê-la — e agora lá vinha ele estragar tudo telefonando-lhe e comportando-se de forma tão enfurecedora.

— Ligou-me por alguma razão? Porque, se não, eu vou fazer a tatuagem de um *pirata* no rabo — disse, indo por acaso buscar um detalhe da arruaça feita pelos amigos há pouco.

— Francesca, não...

Ela carregou com o dedo no ecrã.

— 'Cesca, não desligaste...

— *Desligou* — interrompeu Caden, soando atónito e ligeiramente impressionado. — Simplesmente desancou Ian Noble e desligou-lhe o telefone na cara.

— **T**ens a *certeza* que queres fazer isto, 'Cesca? — perguntou Davie, depois de ela ter escolhido a tatuagem de um pincel.

— Acho... acho que sim — tartamudeou, o seu aceso ímpeto de desafio perante a arrogância de Ian tremeluzindo debilmente.

— Claro que quer fazer. Toma, bebe mais um trago para ganhares coragem — sugeriu Justin avisadamente, passando-lhe o seu frasco de prata gravada.

— 'Ces... — disse Davie preocupado, mas ela pegou no frasco. Encolheu-se à sensação do uísque a escorrer-lhe pela garganta abaixo. Odiava bebidas brancas.

— Não gosto que os meus clientes bebam álcool antes de se submeterem à agulha. Aumenta a hemorragia — disse asperamente o tatuador barbudo e desganhado ao entrar no salão onde ela estava com os três amigos.

— Oh, então nesse caso... — safou-se Francesca, vendo uma possível saída.

— Não te cortes — insistiu Justin. — O Bart não te vai mandar embora só porque bebeste um copo ou dois, pois não, Bart? Ele tem uma grande ética, mas depressa a esquece quando há dinheiro à vista.

O tatuador fulminou Justin com o olhar, mas Justin fulminou-o de volta.

— Baixe as calças e suba para a marquesa, então — atirou Bart.

Francesca começou a desabotoar as calças de ganga. Davie, Caden, Justin e Bart ficaram a olhar enquanto ela se deitava de barriga para baixo na marquesa.

— Vá, deixa-me ajudar com isso! — ofereceu-se Caden todo lampeiro quando ela começou a baixar as calças e as cuecas sobre a nádega direita. Davie agarrou-o pelo braço, detendo-o com uma ameaçadora carranca. Caden limitou-se a encolher os ombros, com um sorrisinho estúpido.

— Aqui, assim? — perguntou Bart rudemente uns segundos depois, avançando. O toque dele na sua pele fê-la estremecer de repulsa.

— Pois, podias fazer-lhe de uma dessas deliciosas covinhas sobre o rabo uma espécie de tinteiro para molhares a agulha.

Francesca sobressaltou-se ante o tom subjugado de Justin. Espreitou de lado. Justin admirava-lhe o rabo parcialmente desnudado com declarado interesse masculino.

— Talvez devêssemos dar uma olhada à outra nalga só para ficarmos com uma imagem clara das coisas — sugeriu Caden.

— Calem-se, vocês os dois — irritou-se ela. Deixava-a desconfortável ter Justin e Caden a olhar para ela daquela maneira. Talvez tivesse sido mesmo uma ideia estúpida. Os seus pensamentos dispersaram-se quando Bart se aproximou, com um tubo na mão e uma agulha a sair da ponta. Reparou que ele tinha as unhas sujas. Tinha medo de agulhas. O uísque parecia arder-lhe no estômago.

— Esperem lá, malta, não tenho a certeza disto — tartamudeou, os olhos fechados com força enquanto tentava lutar contra uma tontura.

— Vá lá, 'Cesca. Ei... *mas que merda...*

A cabeça dela levantou-se como uma mola ao som da exclamação de surpresa de Caden, a brusquidão do gesto fazendo-lhe voar o cabelo para a cara e cegando-a temporariamente. Sentiu um safanão da mão de Bart em cima dela como se alguém lhe tivesse agarrado no braço.

— Largue-a imediatamente, ou juro que farei com que nunca mais viva ou trabalhe nesta cidade. — A mão com que Bart lhe segurava as calças afrouxou. — Francesca, levante-se.

Ela seguiu as sumárias instruções de Ian sem pensar duas vezes. Desceu cambaleante da marquesa e puxou as calças para cima, boquiaberta de pura incredulidade ante o semblante rígido de fúria de Ian.

— O que está a *fazer* aqui?

Ele não respondeu, continuando simplesmente a trespassar Bart com o olhar. Depois de ela ter abotoado a braguilha, ele estendeu a mão e agarrou-a



pelo antebraço. Ela tropeçou no seu encaço quando ele se dispôs a sair do salão. Ele deteve-se frente ao aturdido trio formado por Davie, Caden e Justin. Parecia elevar-se acima deles qual escura e ameaçadora torre.

— Vocês três são os amigos dela? — perguntou Ian.

Davie assentiu, o rosto aparentemente pálido.

— Deviam ter vergonha de vocês próprios.

Justin pareceu vir a si. Avançou como que para ripostar, mas Davie fê-lo calar-se.

— Não, Justin. Ele tem razão — disse Davie sobriamente.

A cara de Justin ficou vermelha que nem um tomate, e parecia disposto a ripostar, mas foi Francesca quem o deteve dessa vez. — Tudo bem, malta. *A sério* — assegurou em voz tensa a Justin antes de seguir Ian para fora do salão de tatuagem, a sua mão firmemente presa na dele.

Teve dificuldade em acompanhar-lhe o passo largo, uma vez a andarem na rua escura e ladeada de árvores. Não achava mesmo que estivesse assim tão bêbeda, por isso porque tomara o mundo tal aura de irrealidade desde que ouvira a voz autoritária de Ian a ordenar a Bart que a largasse?

— Importa-se de me dizer que diabo pensa que está a fazer? — perguntou esbaforida enquanto quase corria ao lado dele.

— Baixaste de novo a guarda, Francesca — disse ele com os lábios apertados de fúria.

— Do que é que está a falar? — clamou ela.

Ele estacou abruptamente no passeio, puxou-a para os seus braços e inclinou-se, beijando-a rudemente. Docemente. Porque não discernia ela a diferença no que tocava aos beijos de Ian?

Gemeu-lhe dentro da boca, o corpo ficando rígido antes de se lhe moldar a todo o comprimento. O seu gosto e odor atingiram-na em cheio como um tsunami de luxúria. Os mamilos retesaram-se-lhe em bico, como se aquela carne sensível tivesse aprendido a associar o gosto dele a prazer. Ele arrancou a boca da dela bem mais cedo do que ela esperava — ou desejava —, dado o estado de desejo e excitação em que o sentia.

*Deus, como o queria.* A fulgurante e óbvia verdade ainda não a atingira plenamente até esse momento. Nunca considerara que um homem como Ian se interessasse sexualmente por ela, de modo que não se permitira reconhecer plenamente o seu desejo por ele.

O candeeiro de rua à distância fazia com que lhe brilhassem os olhos no rosto de contrário envolto em sombra, inclinado que estava sobre ela. Sentiu raiva e luxúria ressoarem-lhe do corpo em igual medida.

— Como te *atreves* a considerar sequer deixar aquele desqualificado saco de escumalha chegar-te uma agulha à pele? E que espécie de tontinha põe o rabo à mostra numa sala cheia de homens a salivar? — desferiu ele.

Ela arquejou. — *Homens a salivar...* eles são meus amigos. — Pestanejou, assimilando o resto do que ele dissera. — O Bart não tem licença? Espera... como é que sequer *soubeste* onde eu estava?

— O teu amigo berrou a todos os pulmões o nome do salão de tatuagens enquanto estávamos ao telefone — disse ele contundentemente, afastando-se dela e deixando-lhe a carne a vibrar em protesto pela sua ausência.

— Oh — disse devagar. Viu-o meter pela relva para o meio-fio e abrir bruscamente a porta de um sedã escuro, lustroso e com pinta de bem caro.

Olhou-o cautelosamente. — Onde vamos? — perguntou.

— Se escolheres entrar, para o *penthouse* — disse ele sucintamente.

O coração desatou a tocar-lhe um batuque a solo nos ouvidos. — Porquê?

— Tal como eu disse, baixaste a guarda, Francesca. Eu disse-te o que te faria da próxima vez que o fizesses. Estás recordada?

O mundo dela resumiu-se ao brilho dos olhos dele naquele rosto obscurecido e ao batucar do seu coração esmagando-lhe os tímpanos.

*Nunca baixe a defesa, Francesca. Nunca. Da próxima vez que o fizer, castigo-a.*

Um jorro de calor líquido irrompeu-lhe entre as coxas. Não... ele *não podia* estar a falar a sério. Acudiu-lhe o pensamento louco de que devia era correr de volta e participar nas palhaçadas dos amigos bêbedos.

— Entra ou não no carro — disse ele, a voz menos dura que antes. — Apenas quero que saibas o que acontecerá se entrares.

— Castigar-me-ás? — clarificou ela tremulamente. — Como... como *espancar-me?* — Não podia crer que tinha acabado de proferir aquelas palavras. Não pôde crer quando ele assentiu.

— Isso mesmo. A tua transgressão fez-te merecer uma sova também. Mais te daria se não fosses uma noviça nisto. E vai doer. Mas apenas te darei o que conseguires aguentar. E nunca, *jámais* te causaria dano ou marcas, Francesca. És por demais preciosa. Quanto a isso, tens a minha palavra.

Francesca olhou de relance para as luzes do salão de tatuagens à distância e de volta para o rosto de Ian.

Esta era uma loucura a que não conseguia resistir.

Ele nada disse — limitou-se a fechar a porta atrás dela, uma vez sentada no banco do passageiro do seu carro.

Capítulo  
QUATRO

A porta do elevador abriu-se com um silencioso deslizar, e ela seguiu-o para dentro do *penthouse*, acometida de iguais partes de apreensão e excitação.

— Segue-me para o meu quarto — disse Ian.

*O meu quarto.* As palavras pareceram ecoar-lhe no crânio. Nunca estivera naquela ala do enorme condomínio, constatou distraidamente. Deixou-se ir atrás dele, sentindo-se como uma colegial apanhada em flagrante. A inegável antecipação que sentia parecia sugerir alguma coisa que não lograva bem abarcar; de algum modo, sabia que se transpusesse o limiar para os aposentos privados de Ian, a sua vida mudaria para sempre. Como se Ian o percebesse, deteve-se diante de uma porta de madeira elaboradamente esculpida.

— Nunca fizeste nada disto antes, fizeste? — disse.

— Não — admitiu ela, desejando não ter as faces inflamadas. Falavam ambos baixinho. — Tudo bem por ti?

— A princípio não. Mas quero-te tanto que tive de me forçar a aceitar a tua inocência — disse ele. Ela baixou as pálpebras. — Estás *certa* de que queres fazer isto, Francesca?

— Diz-me só uma coisa primeiro.

— Tudo.

— Quando me ligaste há bocado... quando eu estava no carro? Não chegaste a dizer porque ligaste.

— E gostavas de saber?

Ela assentiu.

— Estava aqui sozinho no *penthouse*. Estava incapaz de trabalhar ou de me concentrar.

— Julguei que tinhas dito que ias ter gente em casa.

— E disse. Mas, chegada a altura, não conseguia parar de pensar em ti. Ninguém mais serviria.

Ela inalou entrecortadamente. Mexeu com ela, ouvi-lo ser tão honesto.

— E foi então que fui ao estúdio e vi o que tinhas pintado ontem. Está brilhante, Francesca. De súbito, soube que tinha de te ver.

Ela ainda baixou mais a cabeça para esconder quanto prazer sentia com as suas palavras. — Tudo bem. Estou certa.

Foi ele quem hesitou, mas logo estendeu o braço e rodou a maçaneta. A porta abriu-se. Acenou com a mão e ela entrou a medo no quarto. Ian tocou num painel de controlo e várias lâmpadas luziram com luz dourada ambiente.

Era um bonito quarto — tranquilo, de bom gosto, luxuoso. Um sofá e vários cadeirões estavam dispostos numa zona de estar diante de uma lareira imediatamente à frente dela. Um espetacular arranjo de orquídeas e lírios vermelhos numa enorme jarra Ming tinha sido colocado numa mesa atrás do sofá. Sobre a lareira estava pendurado um quadro impressionista de um campo de papoilas; se não estava enganada, era um Monet original. *Incrível*. O olhar cravou-se-lhe na enorme cama esculpida de quatro postes, à direita, decorada, tal como o resto do quarto, num opulento jogo de castanho, marfim e vermelho-escuro.

— Os aposentos privados do dono do solar — murmurou ela, dirigindo-lhe um sorriso trémulo.

Ele acenou para outra porta apainelada. Ela seguiu-o até uma casa de banho maior que o seu quarto. Ele abriu uma gaveta e retirou uma peça de roupa dobrada embrulhada em plástico transparente. Depô-la na bancada.

— Vá, toma um duche e veste este roupão. Só o roupão. Deixa toda a restante roupa. Encontrarás tudo de que necessitas nestas duas gavetas. Cheiras a fumo e uísque rançosos.

— Lamento que desaproves.

— Aceito o pedido de desculpas.

O génio dela saltou de novo ante a pronta resposta. Um sorrisinho enviou a boca dele ao ver retornar a sua rebeldia. Obviamente contara com ela.

— Agradas-me, Francesca. Incomensuravelmente.

A boca abriu-se-lhe de surpresa perante o cumprimento. Alguma vez aprenderia a ler dentro dele?

— Mas tens de aprender a agradecer-me no quarto — disse ele.

— Quero fazê-lo — disse ela baixinho, surpreendendo-se a si própria com a sua franqueza.

— Bom. Então, para começar, gostava que tomasses um duche e vestisses este roupão. Quando acabares, vem para o quarto que eu te administrarei o teu castigo.

Ia sair da casa de banho mas deteve-se. — Oh, e lava o cabelo, por favor. Seria um crime que essa imensa glória cheirasse a cinzeiro — resmungou em surdina antes de se retirar, fechando a porta atrás de si com um sonoro clique.

Ela ficou ali simplesmente parada por um momento no imaculado chão de mármore. Ele achava o seu cabelo glorioso? Ela agradava-lhe? Como era possível que ele tivesse pensamentos daqueles a respeito dela? Como podia ele beijá-la até ela julgar que entraria em combustão espontânea e contudo olhá-la por vezes como se ela fosse mais ou menos tão importante como a pintura na parede?

Banhou-se profusamente, gozando a experiência mais do que pretendia. A cabina de vidro rapidamente se encheu de vapor, os torvelinhos de cálida neblina parecendo acariciar e beijar a sua pele nua. Sabia bem ensaboar-se com o sabonete artesanal inglês de Ian, cobrir-se com o seu odor límpido e pungente. Felizmente, depilara-se antes de sair para o McGill's, por isso não tinha de se preocupar com pelos nas pernas.

*Espancá-la-ia ele com ela nua?*

*Claro que sim*, respondeu a si própria ao fazer deslizar a porta de vidro do chuveiro e sair. Dissera-lhe sem reboços que a queria nua sob o roupão. Retirou pois a peça da embalagem de plástico. Seria novinho em folha? Conservaria ele uma provisão de roupões para as mulheres que recebia em casa? A ideia deixou-a ligeiramente agoniada, de modo que a arredou do cérebro, concentrando-se em vez disso em dar com um pente para o cabelo molhado, desodorizante, uma escova de dentes nova, e um frasco de elixir bucal. Estava tudo tão impecavelmente arrumado no armário que tomou especial cuidado para voltar a pôr as coisas de volta nos devidos lugares.

Dobrou a sua roupa e colocou-a num banco estofado. O reflexo de si própria no espelho chamou-lhe a atenção. A sua imagem fitou-a de volta, os olhos parecendo enormes no rosto pálido, o longo cabelo solto e húmido. Parecia um pouco assustada.

*E daí que esteja assustada?*, pensou para com os seus botões. Ele dissera que ia espancá-la e que ia doer. Ela concordara com as suas aparentemente pervertidas práticas sexuais por tanto querer Ian.

Resumia-se a qual deles era maior: o seu medo ou o seu desejo de agradar a Ian.

Dirigiu-se para a porta e abriu-a. Ele estava sentado no sofá, com um

tablet no colo. Pousou-o sobre a mesa de apoio quando ela saiu para o quarto.

— Acendi a lareira para ti — disse, o olhar percorrendo-a da cabeça aos pés. Ainda tinha vestida a mesma roupa que usava quando irrompera no salão de tatuagens — calças cinzentas-escuras feitas à medida e camisa azul e branca. Tinha as longas pernas negligentemente cruzadas. Parecia por demais à vontade. A luz do fogo reluzia-lhe nos olhos. — Está uma noite fresca. Não queria que apanhasses uma constipação.

— Obrigada — murmurou ela, sentindo-se desajeitada e insegura.

— Despe o roupão, Francesca — disse ele baixinho.

O coração deu-lhe um pequeno salto. Ela desapertou atabalhoadamente o cinto e tirou o roupão dos ombros.

— Pousa-o ali — instruiu ele, apontando para a cadeira ao lado dela, não despregando o olhar dela. Ela pendurou a peça de roupa nas costas da cadeira e ficou ali postada, desejando que o chão se abrisse e a engolisse, estudando o intrincado padrão da tapete oriental sob os seus pés como se contivesse os segredos do universo.

— Olha para mim — disse ele.

Ela levantou o queixo. Havia qualquer coisa no olhar dele que ela nunca vira.

— És um primor de requinte. Um espanto. Porque olhas para baixo, como se estivesses envergonhada?

Ela engoliu a custo. A embaraçosa verdade saiu-lhe disparada da garganta. — Eu... eu era gorda. Até mais ou menos aos dezanove anos. Acho... que ainda tenho a falta de confiança do meu antigo eu — explicou, a voz pouco mais que um sussurro.

Uma subtil expressão de ora-aí-está perpassou-lhe pelas feições escarpadas. — Ah... sim. Mas às vezes pareces tão segura de ti mesma.

— Não é confiança. É desafio.

— Sim — cismou ele. — Percebo agora. Melhor do que poderás julgar. É a tua maneira de dizeres ao mundo que se vá foder por alguma vez ter o descaramento de te olhar de alto. — Sorriu. — Bravo, Francesca. Mas já era tempo de que aprendesses quão bonita és. Deves sempre controlar as forças que tens ao teu dispor; não as deixes nunca esmorecer ou, pior, permitas que sejam outros a controlar-tas por ti. Vem postar-te diante de mim, por favor.

Ela dirigiu-se para ele sobre as pernas trémulas. Os olhos arregalaram-se-lhe de confusão quando ele pegou num frasco pousado na almofada ao seu lado. Era tão pequeno, e Ian assoberbara-lhe de tal modo os sentidos, que ela não reparara nele antes. Ele desatarraxou a tampa e pôs uma gotícula da espessa substância branca no indicador. Levantando os olhos de relance, reparou na perplexidade dela.

— É um estimulante clitoridiano. Aumenta a sensibilidade das extremidades nervosas — disse ele.

— Oh, estou a ver — murmurou ela, embora não estivesse.

O olhar dele pousou-se-lhe entre as coxas. O clítoris contraiu-se-lhe de excitação, o olhar fixo dele bastante estimulante. — Sou muito interessado no que te toca.

— O que queres dizer? — perguntou ela.

— Dou sempre prazer submisso se ela me agrada. Não me preocupo habitualmente se ela o sente quando está a ser castigada, no entanto. Poderá ter de suportar o castigo para merecer a sua recompensa. Descobri que... mudei ligeiramente de tom contigo, no entanto.

— Submisso? — apressou-se ela a perguntar, o seu cérebro fixando-se nessa parte da resposta dele.

— Sim. Eu sou dominante no que toca ao sexo, embora não requeira elementos de sujeição para me excitar. É uma preferência para mim, não uma necessidade. — Sentou-se para a frente no sofá de modo que a sua cabeça morena lhe ficasse a centímetros do ventre, o nariz junto ao seu sexo. Ela observou quando ele inalou e depois fechou brevemente os olhos.

— Tão doce — disse, soando ligeiramente desconcertado.

Ela não teve tempo para se preparar para o que ele fez a seguir. Mergulhou-lhe audazmente o dedo grosso entre os lábios da vulva e esfregou-lhe demoradamente o creme no clítoris, o seu toque seguro... elétrico. Ela mordeu o lábio inferior para se impedir de gritar ao ser trespassada por um estremecimento de prazer concentrado. — Esta noite vou castigar-te, e não minto. Vou ter prazer com isso. Muito. Mas quero que tu sintas prazer também. A tua natureza o determinará sobretudo, mas este creme ajudará as coisas a pender na direção certa — disse ele enquanto continuava a massajar-lhe o clítoris com o emoliente. Levantou os olhos de relance e viu o aturdimento dela. — Não te quero treinada para teres medo disto. Não quero que abomines os teus castigos. Numa palavra, não quero que tenhas medo de mim, Francesca.

Deixou cair a mão no colo. O olhar voltou-lhe à junção das suas coxas. As narinas dilataram-se-lhe, e o rosto ficou rígido antes de se levantar abruptamente.

— Aqui, por favor — disse. Ela seguiu-o para onde ele estava postado, em frente da lareira. Os seus pés empancaram quando viu o que ele tinha tirado da lareira — uma longa pá negra. — Chega-te mais. Podes olhar para ela — disse ao aperceber-se da sua desconfiança.

Susteve a pá para que a inspecionasse. — Mando-as fazer à mão. Acabei de receber esta, mesmo na semana passada. Não obstante a minha

insistência de que nunca a usaria realmente para o propósito, mandei-a fazer contigo em mente, Francesca.

Os olhos dela arregalaram-se àquilo.

— Far-te-ei arder com o lado de couro — disse ele baixinho. Um fluido quente assomou-lhe entre as coxas ante a desenvoltura com que ele falou. Ele deu um jeito de pulso, atirando a pá a vários centímetros de altura, e apanhando-a ao cair. Ela olhou embasbacada. O outro lado estava coberto de uma opulenta pelagem castanha-escura. — E acalmarei a dor com o lado de visom — completou.

Ela sentiu a boca seca, a mente em branco.

— Vamos lá começar. Dobra-te e põe as mãos nos joelhos — instruiu ele.

Ela fez como ele exigia, expirando a sopros irregulares. Ele veio postar-se a seu lado. Ela lançou-lhe um ansioso olhar de viés. A luz da lareira brilhava-lhe nos olhos à medida que percorriam o corpo dela.

— Deus, és linda. Deixa-me frustrado que não o vejas, Francesca. Nem no espelho. Nem no olhar dos outros homens. Nem no teu espírito. — Os olhos dela fecharam-se piscando quando ele estendeu o braço e a afagou ao longo da espinha, depois na anca e nádega esquerdas. Uma onda de prazer trespassou-a. — Mereces mesmo ser castigada por considerares sequer marcar esta pele. Tão imaculada. Branca. Macia — disse ele, os seus longos dedos passando-lhe ao de leve pela fenda do rabo. Ela fechou as pálpebras com força. A emoção assomou-lhe à garganta, confundindo-a. Ele soara genuinamente assombrado.

Ela não abriu uma fresta que fosse das pálpebras até que ele parou de a acariciar.

— Afasta ligeiramente as coxas e arqueia as costas. Dar-me-á prazer ver os teus encantadores seios enquanto te dou com a pá — disse ele. Ela ajustou a posição, arqueando a espinha. Arquejou quando ele se chegou à frente, envolvendo-lhe um seio com a mão. Beliscou ao de leve o mamilo, e ela tremeu de prazer.

— Agora dobra os joelhos muito ligeiramente. Ajudar-te-á a aparar os golpes. Assim. Está perfeito. É esta a posição que eu espero que adotes sempre que te der com a pá. — Ela sentiu a falta das suas beliscadelas e palma cálida quando ele transferiu a mão para o ombro. — A tua pele é muito delicada. Dar-te-ei quinze palmatoadas.

O lado de couro da pá atingiu-lhe o rabo. Os olhos arregalaram-se-lhe, e soltou um grito. O rápido lampejo de dor depressa se dissipou numa sensação de ardor. — Tudo bem? — perguntou Ian.

— Sim — replicou ela honestamente, mordendo o lábio inferior.

Ele desferiu novo golpe, desta vez atingindo a curva suave da parte



inferior das nádegas. Agarrou-a pelo ombro quando ela se desequilibrou ligeiramente para a frente com a força da pancada.

— Tens um rabo deslumbrante — disse ele, a sua voz soando grave e rouca. Aplicou novo golpe. — Aprovo as tuas corridas. Tens o rabo liso, firme e roliço. O cu ideal para espancar.

Ela exalou bruscamente quando a pá aterrou outra vez. Como seria que o ardor que sentia no rabo estava a passar para o clítoris? Sentia o nódulo de carne a arder e a formigar. Ian desferiu novo golpe, e ela não conseguiu reprimir um grito.

— Dói? — perguntou ele, detendo-se.

Ela limitou-se a assentir.

— Se for de mais, podes dizê-lo. Eu abrandarei a força das pancadas.

— Não... eu aguento — disse ela tremulamente.

Ele contornou-lhe abruptamente o corpo com o braço e tomou-lhe a anca com a mão, pressionando a braguilha contra ela. Ela arquejou à sensação do seu enorme pénis pulsando-lhe de lado contra a nádega. — Olha — disse ele. — Vê só o quanto me agradas.

As faces dela afoguearam-se de calor. O ardor no clítoris amplificou-se. Ele recuou e fez aterrar a pá uma e outra vez com sonoras palmadas. Quando ele estava finalmente preparado para administrar o golpe final, o rabo dela parecia estar em fogo. Talvez tivesse reparado no tremor das suas coxas, pois murmurou — Quieta — e apertou-lhe com mais força o ombro. Encostou-lhe a pá ao rabo a arder, como que fazendo cuidadosa pontaria para a pancada final. Ergueu a pá e desferiu o golpe.

Um grito escapou-lhe descontroladamente da boca ao impacto. Ele agarrou-a quando o corpo lhe caiu para diante.

— *Chhhh* — apaziguou. — Esta parte está acabada.

Ela gritou tremulamente quando ele virou a pá e começou a esfregar-lhe o visom sobre o rabo a arder. Sabia tão bem. O formigar do clítoris transformara-se em pernicioso ardor. Ansiava por tocar-se, aplicar pressão. Seriam as palmatoadas pela mão de Ian as responsáveis pela sua aguda excitação, ou seria o creme de estimulação que ele aplicara? Só de pensar nele a esfregar o emoliente no seu clítoris com o seu dedo longo e grosso a fazia gemer. Sentia-se febril. Subitamente, ele parou de lhe afagar o rabo com o visom e encorajou-a a erguer-se com a mão no ombro dela.

Ela voltou-se para ele à sua incitação, sentindo-se estranha... atordoada... excitada. Ele já não tinha a pá na mão. Ela ali ficou simplesmente postada, sentindo-se subjugada, enquanto ele lhe afasta gentilmente o cabelo da cara.

— Portaste-te extremamente bem, Francesca. Melhor do que eu

alguma vez sonhara — murmurou ele, os polegares roçando-lhe as faces.

— Estás a chorar por ter doído?

Ela abanou a cabeça.

— Porquê então, encanto meu?

Ela tinha a garganta demasiado apertada para falar. Além disso, não sabia o que dizer, ainda que pudesse.

Ele amparou-lhe o maxilar com a mão. Tendo sido gorda durante a maior parte da sua vida, e alta para mulher, sentia-se habitualmente descomunal e desgraciosa. Mas Ian era bem maior que ela. Ao pé dele, sentia-se pequena, delicada... feminina. Apercebeu-se subitamente do tremor das mãos dele.

— Ian, tens as mãos a tremer — sussurrou.

— Eu sei. Desconfio que é contenção a mais. Estou a fazer tudo em meu poder para não te dobrar pela cintura neste preciso momento e foder-te todinha ao natural.

Ela pestanejou de choque. Ele pareceu reparar e fechou brevemente os olhos, como que arrependido do que dissera.

— Agora gostaria de te espancar sobre os joelhos. Aprazer-me-ia imensamente ter-te deitada no meu colo, à minha mercê. Mas tu és muito delicada. Se as palmatoadas com a pá foram de mais, não insisto que continuemos.

— Não. Eu quero continuar — sussurrou ela roucamente. Olhou-o bem nos olhos. *Quero dar-te prazer, Ian.*

As pálpebras dele tremularam. Continuou a roçar-lhe as faces com os polegares, avaliando-a atentamente.

— Muito bem — disse por fim, soando resignado. — Mas primeiro chega-te mais para junto da lareira.

Ela seguiu-o, mas ele fez um desvio para a casa de banho.

— Volto já — disse.

Ela aguardou junto à lareira, o calor da qual combinado com a excitação do seu corpo originando uma estranha sensação de lassidão e frémito. Ele voltou um momento depois trazendo um grande pente.

— Deixa-me pentear-te o cabelo e deixa que seque um pouco junto à lareira.

Ela olhou-o de relance, perplexa. Ele fez-lhe um pequeno sorriso envergonhado.

— Tenho de fazer alguma coisa para me acalmar um bocadinho.

Ela retribuiu-lhe tremulamente o sorriso e, incitada por ele, voltou-lhe as costas. A paradoxal sensação de relaxamento e aguda antecipação aumentou à medida que Ian lhe dividia o cabelo em porções, agarrava grandes punhados dele e lenta e sensualmente por eles passava o pente. Ela deixou cair a cabeça.

— Estás ensonada? — murmurou ele atrás dela. Só a voz dele parecia fazer espetarem-se-lhe os mamilos, alerta. O ardente formigar do clítoris amplificava-se. *Creme perverso*.

— Não, não propriamente. Apenas sabe bem.

Ele passou o pente da raiz até às pontas gradualmente mais enxutas que lhe pendiam mesmo acima da cintura. — Nunca vi cabelo como o teu. Louro-rosado — cismou asperamente. Acariciou-lhe o traseiro que formigava, provocando-lhe um arrepio, e exalou como que derrotado. Pousou o pente na cornija da lareira. — Lá se vai a ideia de isto me acalmar. Mais vale continuar. Segue-me.

Encaminhou-se para o sofá e sentou-se na almofada do meio, com as coxas ligeiramente afastadas. Olhou de relance para o colo num comando silencioso. A consciência de si própria retornou com uma fúria. Ela estava nua e ele estava vestido e não fazia ideia do que supostamente deveria fazer. Engoliu nervosamente em seco quando viu a ereção dele comprimida contra a braguilha das calças, qual mastro ao correr da coxa esquerda. De olhos fitos naquilo como que hipnotizada, Francesca colocou-se de gatas em cima do sofá, sobre as coxas dele, e começou a baixar o corpo. Ele espalmou-lhe a mão ao longo das costelas e anca, guiando-a para a localização que desejava.

Uma vez instalada, as curvas inferiores dos seus seios estavam espalmadas contra o lado de fora da coxa dele, a sua barriga atravessada nas coxas, e o traseiro curvado sobre a sua coxa direita. Ele passou-lhe a mão ao longo da cintura, anca, e rabo, e ela sentiu-lhe a pila mover-se-lhe contra as costelas.

— Esta é a posição exata que adotarás para um espancamento ao colo. Entendes? — perguntou ele, a sua mão cálida acariciando-lhe agora o rabo. Os nervos ali formigavam ainda, não de todo desconfortavelmente, das palmatoadas recebidas.

— Sim — disse ela, assentindo ao mesmo tempo. O cabelo caiu-lhe para o rosto.

— Só mais uma coisa — disse ele. Alisou-lhe cuidadosamente o cabelo para trás e prendeu-lho num ombro. Empurrou-lhe ao de leve com a mão a parte de trás do crânio, e a testa dela encostou-se ao tecido suave do sofá. — Vendar-te-ei muitas vezes para um espancamento; quero-te totalmente focada na minha mão, sentir o teu castigo... a minha excitação. Mas por agora, mantém o rosto baixo e fecha os olhos.

Ela cerrou com força as pálpebras e contorceu-se ao colo dele. Sentiu-o quedar-se imóvel.

— O que foi? Isto excitou-te?

— Acho... acho que sim — disse ela, confundida. Supunha que ele

tinha razão. Uma punhalada de luxúria trespassara-a às palavras dele. Porque seria? — Deve ser o creme — disse em surdina.

Ele retomou o espancamento do rabo. — Rezemos para que seja mais do que o creme — murmurou, e ela ouviu o sorriso na sua voz. — Agora mantém-te completamente imóvel, ou bater-te-ei com mais força.

Levantou a mão e deu-lhe uma palmada na nádega direita, depois na esquerda, depois na direita em rápida sucessão, as sonoras estaladas ecoando nos ouvidos dela mesmo quando ele se detinha. Mordeu o lábio para se impedir de gemer. Ele tinha obviamente experiência em espancamentos; os seus golpes eram precisos, firmes, rápidos mas desapressados. Desferiu nova torrente deles, cobrindo-lhe todo o rabo e parte superior das coxas. O traseiro começou a arder-lhe de uma maneira diferente da que resultara das palmatoadas. A mão de Ian originava uma lenta e fervilhante espécie de calor que irradiava por sua vez da pele dela. Não tardou também a aprender onde é que ele mais gostava de a espancar — na roliça curva inferior das nádegas. Sempre que a atingia ali, o mastro movia-se contra ela e sentia a tensão aumentar-lhe nas coxas. A mão que aplicava as palmadas ficava tão ardente como o seu rabo. O mastro dele irradiava calor, igualmente, através do tecido das calças e entranhando-se-lhe na pele.

Ele desferiu-lhe uma palmada na curva superior do rabo, e subitamente agarrou-lhe a nádega inteira e ergueu o púbis, esfregando-a contra a pila. O débil gemer dela mesclou-se com o grave rosnar animal de Ian. O clítoris já de si a arder foi ao rubro com a pressão e pronunciada consciência da excitação dele. Ela sentiu-se tonta, febril, como se estivesse a arder em chamas de dentro para fora. Nada mais queria do que contorcer-se no seu colo e aplicar pressão sobre o clítoris... curvar-se-lhe desavergonhada e desenfreadamente contra o pau. Ele baixou as ancas e retomou o espancamento. Quando se deteve após uma rápida rodada de palmadas e de novo lhe moldou avidamente uma nádega à palma da mão, ela perdeu o controlo.

— Oh, Ian... não. Desculpa, mas não posso continuar — gemeu, estremeendo no seu colo. Ele imobilizou-se, a nádega dela ainda bem apertada na palma da sua mão.

— É demasiado doloroso? — perguntou num tom crispado.

— Não. Não aguento mais ficar imóvel. Estou a *arder*.

Durante uns ansiosos segundos, ele não se mexeu. Então largou-lhe o rabo e deslizou-lhe a mão entre as coxas. Ela choramingou em frenética agonia quando as pontas dos dedos dele lhe roçaram a vulva. A pila dele pulou contra ela.

— *Jesus...* estás encharcada — ouviu-o murmurar. Soava estupefacto. Ela estava demasiado excitada para ficar envergonhada... mais que fora de si. Arquejou quando ele lhe colocou uma mão no ombro, forçando-a a levantar-se.

— Chega aqui — ordenou num tom duro.

Oh, não. Tê-lo-ia irritado outra vez? Apoiou-se nos joelhos com ele a ajudar.

— Encavalita-te ao meu colo — ordenou.

O seu cabelo quase seco espalhou-se-lhe pelos ombros e costas quando lhe obedeceu. Ele colocou-lhe as mãos nas ancas, assentando-lhe o traseiro a arder sobre as suas coxas. Arredou-lhe o cabelo para trás dos ombros, expondo-lhe os seios. Os olhos fixos neles, o lábio superior ligeiramente recurvado num rosnido.

— Olha só — disse em surdina. — Tens os mamilos quase tão vermelhos como o rabo. — O olhar tremulou-lhe para o rosto. — E as faces, Francesca... e os lábios. Deu-te prazer seres castigada, encanto meu. E isso apraz-me tanto. Vai ser tão bom foder-te a passarinha molhada.

Ela sentiu uma dolorosa contração no sexo. Ele espalmou-lhe as mãos enormes em torno das costelas e baixou a cabeça, trazendo-lhe os seios a si. Ela retesou-se, na expectativa da deliciosa e vigorosa sucção com que ele lhe mimoseara o mamilo no ginásio, mas, em vez disso, ele franziu ao de leve os lábios, beijando primeiro docemente um bico túrgido, depois o outro. — Tão perfeita — sussurrou. As suas mãos moveram-se rapidamente. A excitação dela mais se agudizou quando se apercebeu de que ele desapertava as calças. Ele deslizou apenas o bico do peito entre os lábios, chupando ao de leve e açoitando a carne com a língua morna e molhada.

O clítoris dela estava ao rubro, atormentando-a. As suas ancas contorciam-se ao colo dele. Não lograva controlar-se. Agarrou-se à cabeça dele e emitiu um som selvagem e febril do fundo da garganta. Ele ergueu a cabeça e olhou-lhe de relance para o rosto.

— Está bem — apaziguou ele, os olhos azuis incendiados de desejo. Moveu a mão, fazendo-a deslizar-lhe pelo ventre abaixo, arfante. Ela choramou quando ele lhe deslizou o dedo por entre os lábios cremosos. Tocou-lhe o clítoris. Tão-só. Um toque.

Ela explodiu como uma carga de dinamite.

Mal soube o que fazia, tanto prazer lhe avassalou a existência nesse momento. Por uns instantes, ele continuou a afagar-lhe o clítoris à medida que o clímax estrondeava por toda ela. À distância, teve consciência dele praguejando asperamente e puxando-a mais contra o seu corpo, como se quisesse absorver os seus estremecimentos orgásticos. O corpo dela sacudia-se contra ele, impotente ante tão estrondoso prazer.

Ele moveu a mão. Ela soltou um grito quando o sentiu enfiar-lhe um dedo grosso na vagina.

Quando de novo deu por si, estava esparramada sobre o sofá junto de Ian, e ele estava de olhos fitos nela, ali ofegante.

— Nunca estiveste com um homem. Estiveste?

A sua respiração sibilante cessou abruptamente. Não fora propriamente uma pergunta mas uma acusação.

— Não — disse ela, retomando a respiração arquejante. Porque a olhava ele assim? — Eu *disse-te*.

Os olhos dele chispavam de fúria. — Quando exatamente me disseste que eras virgem, Francesca? Pois duvido sinceramente que tenha deixado passar tão crucial informação — rosnou ele.

— Ali... antes de entrarmos no quarto esta noite — disse ela, apontando estupidamente para a porta de entrada. — Tu perguntaste se eu já tinha feito isto antes, e eu disse...

— Eu referia-me a teres alguma vez deixado um homem castigar-te. Dominar-te. Não... *foder* — resmungou ele baixinho de forma empolada. Pôs-se em pé de um solavanco e começou a andar de um lado para o outro diante da lareira, passando os dedos pelo cabelo curto. Parecia ligeiramente demente.

— Ian, o que...

— Eu sabia que isto era um erro — resmungou amargamente em surdina. — Quem julguei eu estar a enganar?

Os lábios dela apartaram-se, num choque revelador. Ele achava que aquilo tinha sido um erro? Estava a rejeitá-la? *Agora?* Imagens e sensações recentes bombardearam-lhe a consciência, memórias de quão desenfreada se mostrara, quão descontrolada de luxúria e desejo.

Reaprendeu uma dolorosa lição de infância nesse momento, lição que teria feito bem em recordar nessa noite. Nada causava maior vergonha do que exprimir desejo, tornar-se vulnerável, só para depois ter essa emoção pura e honesta atirada à cara como se de lixo se tratasse.

Com as lágrimas a ofuscar-lhe os olhos, deitou desesperada mão à manta de caxemira ao canto do sofá. Passou-a em torno do corpo nu antes de se pôr em pé. Ian estacou quando viu o que ela fazia.

— O que estás a fazer? — bramiu.

— Vou-me embora — replicou, desandando na direção da casa de banho.

— Francesca, para imediatamente — ordenou ele, em voz baixa... intimidante.

Ela deteve-se e olhou para trás de relance, para ele. Raiva e fúria

assomaram dentro dela, apertando-lhe a garganta. — Simplesmente perdeste o direito de me dar ordens — articulou entre dentes.

Ele empalideceu.

Ela virou-se mesmo a tempo de o impedir de ver as lágrimas escorrerem-lhe dos olhos. Ian Noble vira que bastasse por uma noite da sua vulnerabilidade.

Vira mais que bastasse por toda uma vida.